

**Silva
Carvalho**

LOGO

edições aquário

Chez Silva Carvalho, ce qui m'attire le plus, c'est sa fascination avec le dictionnaire. Il est dans quelque chose d'extrêmement radical, en se faisant comme tâche la volonté et le devoir inépuisables de débarrasser les mots, par leur emploi imprévu et inusité, de toute la routine qu'il voit chez les écrivains contemporains. Aussi bien que de revenir, inlassablement, à la nouveauté de certains mots oubliés depuis toujours dans le silence volumineux du dictionnaire. La plupart des écrivains, en ce qui concerne le vocabulaire portugais, se laissent couler dans le moule de leur temps, ne font qu'ajouter des mots crasseux à des mots convenus dans la platitude de phrases et de livres qui suivent les uns aux autres.

Cette pratique lexicale me paraît fondamentale. Mais il y a aussi chez Silva Carvalho, au travers d'une syntaxe réflexible, pour ne pas dire nettement sensuelle, une liberté totale de manœuvre qui fait qu'à l'intérieur d'un même texte il peut foutre le camp complètement ailleurs, se livrer avec jubilation tout d'un coup à du galimatias, pour repartir vers d'autres manifestations de sens et de pensée, parfois magnifiques.

-Claire Durant

Silva Carvalho's own body of work can be understood in terms of its exemplary singularity. It voices a radically enabling and egalitarian call to intellectual, political and, of course, aesthetic exploration. The decisive spacing which distinguishes Silva Carvalho's exemplary singularity from the brash conventionality, from that demand to conform to literary types or fashions or trends, lies in the openness of the egalitarian appeal which he voices: it is an incitement to all — to anyone, to everyone — to pursue with application their own autonomous intellectual-aesthetic-political path. The dangerously anarchic and entirely seductive invitation present in Silva Carvalho's œuvre, mostly through the invention of his porotic language, resumes itself to this: any man (writer or not) is always right to roam, is always right to step outside, to go and see what is happening to one side, to continue to walk, even when he stumbles, wherever his footsteps - and not other people's - take him.

-Eliza Evens

Silva
Carvalho

LOGO

edições aquário

Autor: *Silva Carvalho*

Título: *LOGO*

Direitos reservados para a língua portuguesa:

© Edições Aquário

Editora: *Edições Aquário*

edicoes_aquario@hotmail.com

Autor: silvacarvalho@hotmail.com

Site: <http://www.silvacarvalho.com>

OBRAS PUBLICADAS

Poesia

(em português)

SUOR DO TÉDIO (1969) Edição do Autor
MEMÓRIA DO PRESENTE (1977) Brasília Editora
CANÇÕES (1978) Edição do Autor
ASSIM (1979) Brasília Editora
ESSAS VOZES (1983) Quatro Elementos Editores
ANTES O PARAÍSO (1985) Black Sun Editores
75 SONETOS (1985) Solcris Editora
AO ACASO (1986) Brasília Editora
SETEMBRO (1987) Solcris Editora

PENTALOGIA AMERICANA:

DA ESTUPIDEZ (1988) Brasília Editora
ADIVINHA: ESTILICÍDIO E ENCICLIA (1989) Brasília Editora
NEM PROSA NEM POESIA – OUTRA COISA (1990) Brasília Editora
EM QUESTÃO (1991) Brasília Editora
O PRESENTE, A PRESENÇA (1992) Brasília Editora

A EXPERIÊNCIA AMERICANA AO VIVO (2003) Edições Aquário
CAOS INDELÉVEL INEFÁVEL (2004) Edições Aquário
CYPRESS WALK (2007) Edições Aquário
SONETOS PORTUGUESES (2012 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário

(em francês)

LES TROIS AGES (1973) La Pensée Universelle

Porética

TRILOGIA PORÉTICA :

O PRINCÍPIO DO ECO (1993) Brasília Editora
TEORIA DA DISPONIBILIDADE (1994) Brasília Editora
CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES (1995) Brasília Editora

MAIS OU MENOS (1998) Black Sun Editores
NEW ENGLAND (2002) Edições Aquário
MEDIOCRIDADE (2003) Edições Aquário
AS ESTAÇÕES (2004) Edições Aquário
TETRALOGIA FÁTICA (2005) Edições Aquário

DÍPTICO MUSICAL (2005) Edições Aquário
ELAÇÕES DO PEJORATIVO (2012 – www.silvacarvalho.com) Edições Aquário

Romance

PALINGENESIA (1999) Fenda Edições
O ROMANCE CONTEMPORÂNEO (2000) Tertúlia Editora
QUE ESTUPIDEZ! (2003) Edições Aquário
O RITO DIÁRIO DE UM HIPOCONDRIACO (2004) Edições Aquário

Ensaio

A LINGUAGEM PORÉTICA (1996) Brasília Editora

Ao JOSÉ LEON MACHADO

The underground man contradicts himself, yells that he does not want to be heard and argues against the coherence of arguments. Instead of presenting us with the image of human reason the underground man exaggerates the powers of disagreement, misrecognition, inconsistency and a transcendental or excessive malevolence and stupidity. The stupidity is transcendental because it destroys the idea of an organising reason. Instead we see the power of thought to create ridiculous, ungrounded and bizarre connections with no end or purpose.

Claire Colebrook reproduzindo a leitura que Deleuze fez do 'The Underground Man' de Fyodor Dostoevsky.

PRIMEIRA PARTE

O QUE HÁ AINDA?

Não há noite que sobreviva à luz do sol.
Não há sol que resista à luxúria da noite.
Haverá alguém, entre os homens e as mulheres,
capaz de se sentir, de se pensar escuridão?

Se houvesse ainda um coração, que poderia acontecer?
Se houvesse ainda uma alma, que se poderia dizer?
Se houvesse algures um espírito, que se poderia sentir?
O que há? O que há ainda? Uma vida?

Uma vida desprende-se da vida.
Não é o desejo de morte o que o desejo deseja ser.
Não é ser o que quer que seja, quem quer que seja.
Entre ser e haver levanta-se um entre.

A noite passa estremeçada. A noite despercebida.
Desconhece de onde sopra, de onde emana a emoção.
Será sentida, a noite exequível? E se o é, por quem?
Quem perpassa pela escuridão como um sol?

Que luz é esta, que infesta de festa a alegria?
Que alegria ousará medir-se com o tempo?
O tempo passa, passagem para o desconhecido.
Haverá, depois de tudo, algures, uma saída?

Bate um coração no corpo. Sístoles e diástoles.
Nenhum relógio foi, é, será mais preciso.
O ponteiro nunca compreenderá o círculo.
A carne estremece, acontece, ousa existir.

Dia e noite, noite e dia, houve uma estadia. Um sol.
Uma luz. A escuridão. A maravilha, haver tempo.
A distância, abertura para espaços, para urdiduras.
Poder-se-á falar, verdadeiramente, de uma aventura?

17/8/2012

A CASA COISA

A casa permanece como uma existência existindo.
Vive de espaços, de paredes paradoxais.
Abriga quem se obriga a permanecer em suspenso.
A casa nada mais é que uma abissal barriga.

A casa coisa, de que não se pode nem se sabe falar.
Eis a experiência contemporânea, essa fenda.
Esse estar entre o silêncio e a música.
Ouvindo uma respiração que não parece advinda.

E no entanto a casa quase se compraz em acção.
Cada quarto é uma entrada, cada quarto é uma saída.
Houvesse um labirinto e encontrar-se-ia um mito.
Muda no que é, a casa ignora o sentimento.

Alguém percorre passo a passo a distância do saber.
Alguém reconhece os lugares essenciais.
Ousará esse alguém ser uma personagem?
Poder-se-á ainda crer na bondade das histórias?

A cama no meio do quarto de dormir. Dorme?
Descansa? Quem? É um homem, é uma mulher?
Será uma criança? Um fantasma? Ninguém.
Ninguém deseja mais fazer parte de um mundo.

E no entanto qualquer coisa desobedece à verdade.
Nada mais é do que o que é, e no entanto aspira.
Haver é mais do que um acontecimento.
Estar é compreender que não se pode compreender.

Como uma existência existindo sente-se corpo.
Deitado sobre a cama medita sem pensar.
Onde houve um começo encontrava-se o fim?
Um sorriso desdobra-se no enigma do universo.

17/8/2012

SÓ HÁ HISTÓRIA

Aberto à janela, manhã mais ou menos cedo,
tem a sensação de que o mundo perdeu palavras.
Não é um vazio nem um oco nem uma ausência.
É uma frente, de edifícios, indiferente a sussurros.

São carros estacionados desprovidos de gente.
Ruas explícitas na luz de um sol de verão.
Asfaltos defraudados pela metáfora, pelo som.
Onde estão os homens, as mulheres, as crianças?

Onde uma humanidade servindo-lhe de espelho?
Ninguém. A população existe, mas onde?
Como se reconhecer humano sem a comparação?
Como alegrar-se quando a visão se desmente?

No interior da casa, na cozinha, fervilha a água.
Uma tisana para o começo do dia. Tostas.
A rotina expele um envolvimento metafísico.
Não há ser, sendo, que não seja sensível à ficção.

O real não é uma manifestação da matéria.
O real é a matéria de onde irrompem as coisas.
As coisas confundem-se sempre com os objectos.
Haver à volta uma indefinição não é um facto.

É a perplexidade construindo a realidade.
Não se senta. Com uma mão barra as tostas.
Com a outra mão segura as tostas. O almoço.
Pequeno. Depois regressa ao clarão da janela.

Viver nunca ousou transformar-se em mistério.
Só há história. A memória de interacções.
De atitudes e de gestos. O tempo não é humano.
Mas vive do corpo, de corpos passando, ignaros.

17/8/2012

ARQUITECTURAS QUOTIDIANAS

Que irá fazer hoje? Há planos, intenções.
Arquitecturas de uma ilusão. Importa? Importa.
Programas são promessas, promessas cumprem-se.
Deveriam cumprir-se. Se. A condição condiciona.

Raramente se faz o que se premeditou. Planos.
Ferindo-se de encontro às vicissitudes quotidianas.
Mas a inteligência não se deixa desanimar.
Há sempre, enquanto houver, um outro dia.

O tempo é a junção da perda e da realização.
Fazer o que quer que seja depende de quase tudo.
Como evitar-se o imponderável, o acaso?
Melhor reconhecer-se os trâmites do possível.

Há, mesmo assim, como se nada fosse, um amor.
A vida ama. Ir-se daqui para ali é a esperança.
Suceda o que suceder, até à morte, há vida.
E a vida cumpre-se na arbitrariedade das coisas.

A alegria, sentir-se que o mundo é uma casa.
Limpa ou desleixada. A alegria, haver escoras.
Lícitas ou ilícitas. Que fazer? Basta escolher.
Ou a paz ou a guerra. Mas não se culpe a vida.

A vida ama. É, sempre foi uma promessa.
Com ou sem planos. Incumprida ou realizada.
Levar a cabo não é um acesso a qualquer morte.
A morte não sucede nem acontece. Passa.

Tudo é passagem. No espaço, pelo tempo.
Entretanto, enquanto houver humanidade, há dias.
Para isto e para aquilo. Fazer não é uma pergunta.
Interrogar não serve de nada. Nem ao nada serviria.

17/8/2012

LÁ FORA

Um ouvido dispersa-se pelo redor, que música?
Não há silêncio. Há nuvens passando dúvidas
sobre a claridade do dia. Calor ou frio?
Ninguém poderá responder a uma atmosfera.

A esfera onde se vive nada diz. Olha-se, que se vê?
Nuvens passando para direcções impossíveis.
A terra, dizem, é redonda. A percepção é redonda.
Mas redonda em qualquer coisa de dizível?

A casa. A felicidade, haver uma casa. Agora.
Aqui. E janelas, qual delas a mais clarividente?
Se há seres ou se há entes, que importa ao que há?
Haver uma sensibilidade para o que há.

Lá fora não coexiste nenhum fora. Cá dentro
não se adensa de nenhuma sabedoria. Haveria,
por acaso, alguma necessidade de se testemunhar?
Mas o quê? Uma rua, um horizonte, um bairro?

Verão toldado pelo vento que empurra as nuvens.
O calor é um facto indesmentível. Mas, e hoje?
Que sucederá hoje? Uma mudança? Árvores
esvoaçam em manifestações de uma presença.

Amá-las. Eucaliptos siderados pelo tempo.
Quase históricos, na altitude. E odores explícitos
quando se vagueia no tumulto do parque.
O país civiliza-se. Reconhece novamente a terra.

A natureza. A natureza da natureza. As crianças
correm de encontro a risos e risadas, vê-las.
Brincando. Indiferentes às nuvens. Ao ser.
Elas sabem o que há e o que existe. Um parque.

23/8/2012

O AMOR

Afazeres. Lavar o chão da cozinha. Tijoleiras disfarçando-se em ocre. E depois, enquanto passa o pano molhado, passa como uma carícia a sensação de que se está a fazer uma carícia.

O amor tem muito que se lhe diga. Poucos sabem, souberam dizê-lo ao longo dos séculos. O amor. A carícia. As carícias. E o sentimento da ablução que se perpetra numa superfície sem corpo.

O corpo banha-se de um suor quase implícito. Algum cansaço. Uma pausa. O cheiro do produto. Odores de substâncias imitando a diversidade da vegetação da terra. Substitutos. É assim.

O mundo vende a ideia de uma possibilidade. Possuir-se o que não pode ser possuído. Gozar, contudo, mesmo se fabricado, o odor expletivo. Comprando-se o que a natureza oferece.

A desgraça, hoje, é não se poder ter de graça o que não pertence a ninguém. Alguém, homem ou instituição, convenceu os outros da primazia. A imbecilidade sempre foi impotente.

A cozinha não brilha, a cozinha quase brilha. Deixar a esse chão ser tocado pelo ar. Abrir as portadas, consentir em correntes de ar uma brisa que desliza de invisibilidade.

Saber ou não saber não é o problema. Amar é o problema. Poder sentir em cada coisa feita um facto, uma desmedida medida. O amor. Despido de qualquer compromisso.

23/8/2012

VERÃO

O comboio quase vazio. Agosto. Turistas.
Pessoas sentadas, algumas enraizadas na leitura
de jornais. Letras garrafais. A crise. O desporto.
O futebol. O jogo. A opinião. As fotografias.

O ruído transformando-se, de vez em quando,
em barulho. Deslize de aço sobre aço. Rodas,
carris. A cidade distante de alguns quilómetros.
A paisagem divisada dividida em fealdade.

Quadros de uma contemporaneidade, visões
de um atraso secular, onde paira o país?
Que políticas? Que políticos? Que pobreza?
Que corrupção? Que castigo? Risos.

Riem os turistas. Que língua falam? Línguas
existem repartidas pelo mundo, famílias.
Lugares vagos. Verão. Avança o comboio
em cada paragem que faz. Tantas paragens.

Subúrbios. Edifícios envelhecidos. Sujidade.
Século, segundo a história ocidental,
vinte e um. Vinte e um! Sim, vinte e um.
Estações recentes, modernas, contemporâneas.

Chegou-se? Ainda não se chegou. Entre.
Entre a capital e o capital é onde se está. Ah,
não haver outra coisa capaz de mundo!
Capaz de homens e de mulheres e de crianças.

Qual o destino? Qual a destinação? Ânsia,
a ignorância. Parece que se está a chegar. De pé,
indígenas e turistas, admiram as portas.
Mas haverá, realmente, uma saída?

23/8/2012

A BAIXA

A baixa ensurdecadora. Automóveis. Velocidades permitidas. E gente. Gente evoluindo em sentidos aparentemente sem sentido, mas o que é a vida? Uma azáfama. A azáfama galvaniza a baixa.

Turistas. Máquinas fotográficas. Paragens súbitas. Apontar, clicar. O que fica da impressão? Apenas a impressão de um real? Cores, formas, delírios de acasos em ocasiões ímpares?

Cores de vestimentas variegadas. Jovens mulheres modelando-se em nudez convencional, as voltas que o progresso dá! Pernas brancas e talvez macias. Máximas de que filosofia?

Não haver um poeta capaz. Capaz de captar o que as máquinas deixam de lado, como lixo. Não haver uma língua universal, universalmente reconhecida! Não haver, em haver, verdade.

Faces disfarçando-se em rostos, em rictus, vozes flutuando em áreas do conhecimento. Passos nos passeios. Uma mão talvez mendiga mendiga uma esmola na precisão da esquina.

Ninguém vê essa mão encardida. Não existe. Imprevisível advém invisível. Um fóssil teria muito mais sorte. Caberia num museu. A cidade já não contempla cidadãos destituídos.

Monumentos são o alvo favorito. O que é isto? Importa? Mais uma fotografia. A verdade é tecnológica. A gente adora a intemperança da tecnologia. A esperança foi sempre futura.

23/8/2012

A HUMANIDADE

Um café. Se possível numa transversal. Sombra.
Apetecida. Algumas mesas. Algumas cadeiras.
A cidade eclipsou-se da cidade. Quase ninguém.
Há quem faça a diferença entre sorte e acaso.

A humanidade reaparece como por encanto.
Um homem, uma mulher. Surge a empregada.
Um corpo que se aproxima. Fala. Ouve.
Desaparece por detrás do balcão. Trabalha.

Um olhar desprevenido descobre a televisão.
Muda. Nadadores nadam num nada líquido.
O desejo tão premente de escrever, absoluto.
Jogos, olímpicos. Há sempre uma Grécia algures.

Mesmo em crise. Reaparece a empregada.
Enche-se a mesa de escassas vitualhas (bolos),
de escassíssimas bebidas. Sorrisos. Humanos.
O comércio está mal. A restauração está péssima.

Dizem os noticiários que dizem, e são-no todos,
as pessoas não têm dinheiro. Nas praias do país
corpos desmentidos aceitam a profecia.
Nada como o sol para elucidar a mentira!

A paz. O lugar sombrio, fresco, quase deserto.
Café num café. A cidade no virar da esquina.
A curiosidade tornou-se uma curiosidade.
Estar onde os outros estão, o imperativo.

Aventura? Onde? Como? Enganar-se na rua?
Uma perda de tempo. De dinheiro. Turba
já foi uma palavra. Pagar. E depois, regressar.
Sair para a confusão é a única alternativa.

23/8/2012

AQUI

Nada melhor do que estar-se no momento.
Uma alegria guia quem se é a um desejo.
Ninguém sabe o que é a vida. Viver
acalenta-se de ilusões, de experiências.

A objectividade não activa o pensamento.
Ser-se engana-se muitas vezes no sentimento.
A alegria. Sentir que é sentir a percepção
que se possui da sensação de tudo, do todo.

Manhã tão cedo que até o sol se intimida.
E no entanto a luz espalha-se pela frescura
da hora, o corpo certo como um sopro.
Mas de quem? De que coisa? Da alegria?

Mundos desfazem-se em mundos, a terra
nunca é a mesma. Mas a terra gira. O sol
nasce e morre, como se não fosse um astro.
Movimenta-se. Rotações de afectos no azul.

Manhã cedo. Alegria. Estar-se no momento,
no pensamento, sentindo que algo passa
sem ser o sol. Sem ser no tempo. Espaço
do corpo no corpo achado no silêncio.

Outrora, dir-se-ia, êxtase. No longínquo
de outras culturas, dirão, ínstase. Palavras
de línguas, de pretensos saberes. Sentidos
para o sentido. Estar-se vivo! Até quando?

Nenhuma história ousará ser a história
deste momento. Ser-se significa. Mas o quê?
Um sorriso abre-se, não se saber. Viver-se
na deiscência do que é, do que foi. Aqui.

24/8/2012

O PODER

A experiência do nada não leva a nada.
A presença de tudo é um redor. Há uma casa,
um bairro, uma cidade, um subúrbio, um país,
um continente, um planeta. Um oceano.

Há uma família. Um bem? Ou um mal?
Famílias guerreiam-se contra outras famílias.
Hoje mesmo, agora mesmo. Lá. Lá. Cidades
explodem no ensurdecimento dos obuses.

Ódios substituem-se ao amor. Importante,
parece ser, é, o poder. Armas tecnológicas
em táticas fugazes perfazem as estratégias.
Aniquilar o inimigo. Horror, esses gritos.

Corpos exsudam sangue em morgues fáceis.
Desesperos de mulheres, choros, raivas.
Batalhas de terror aterrorizando a placidez
da terra. Sociedades televisivas. Jornalismo.

Manipulação. Quem é quem? Onde o bem?
O bom? A razão de que lado? Estilhaços
de opiniões, tomadas de posições. Guerra.
Guerra. Reuniões em centros do poder.

Interesses. Sobrevivências. Século vinte
e um, a morte inarticulada campeia, seduz.
Onde uma luz capaz de introduzir a paz?
Em que sol a sorte de uma ocasião terrena?

A experiência do nada poderá levar a tudo.
É uma questão de questões problemáticas.
Não haver, no mundo, uma só família!
Que consciência será alguma vez planetária?

24/8/2012

UMA CENA

A casa. O quarto. A cama. O livro. A luz,
da tarde, entardecendo lentamente, passando
de tonalidade em tonalidade. Sem que o visível,
a passagem, o tempo, possam ser detectados.

Lê-se, como uma experiência possível,
páginas intestinas, passados mais ou menos
remotos. Será possível reconhecer-se hoje
o que já fez parte de um passado? Que parte?

Que sobrou do que passou? Que fica do que é?
O que é que é que já não é? A leitura faz
de quem lê o quê? Alguém, sobre a cama,
entre a luz e as palavras, busca a memória.

Não há memória. De vez em quando sente-se
que se reconhece um caminho, um momento.
Descobre-se uma cena, mesmo um cenário.
Uma breve partícula acenando existência.

A alegria. O contentamento. O conforto.
Ter havido o que já não é. A luz, dependendo
de nuvens estriadas, sucumbe a desníveis.
Ora fulgurante e quente, ora amortalhada.

Respira o corpo. Há órgãos no seu invólucro.
Uma mínima dor no lado direito do ventre.
Uma mão tentando apaziguar a sensação.
Um movimento, uma carícia temerosa.

O livro suspende-se numa mão, a leitura
continua. A desatenção faz um certo sentido.
Aparecer e desaparecer. Haver. O quê? Tudo.
Tudo o que se move como se passasse.

28/8/2012

O DESCONHECIDO

Não há tempo que demore. Noites e dias.
Afazeres. Alegrias e melancolias. Descansos.
Sentidos perdidos no que acham: coisas, factos,
acontecimentos, pensamentos, memórias.

No olhar uma imensidade. Olhos fechados,
outra imensidade. Coincide a consciência
com a presença do que envolve. Fundo,
como um mundo desconhecido, o desconhecido.

Uma presença incompreensível, amorfa.
Nem vagido nem estertor. Nem sofrimento
nem dor. Assinalada presença inassimilável.
Menos do que presença. Mais do que intuição.

Ninguém poderá viver do que não é vida.
Merecida ou desmerecida a sensação perpassa
como um dado adquirido. Não há tempo
que demore. O que mora não possui uma casa.

Viver com esse ao lado. Concomitância
de uma contiguidade. Viver a companhia
do que não é, não foi, não será. A solidão
impossível, a impossibilidade uma desmedida.

É-se capaz. Um sorriso alicerça-se de paz.
Onde se estaria quando nada mais havia
de que tudo o mais? Em que realidade? Ser
talvez não seja o que se pensa que é. O que é?

Olhos abertos divisam a hora, o momento.
O espaço em volta é compreensível. O quarto.
A janela. A serra. O verde desmentindo
o verão. Houve um antes, haverá um depois.

28/8/2012

O PRAZER

O prazer, pressentir a casa, este espaço sem que nos seja possível, mesmo assim, encontrar uma analogia que a figurasse numa outra dimensão da realidade vivida.

Sim sim, este bem-estar, sentir nas costas a cama, na cama a leveza de um corpo, no corpo um prazer. Um prazer sem prazo, um prazer onde se isola um isolamento.

Lá fora poderá haver um fora, o mundo, dizem as vozes do mundo, mas aqui haver é outra coisa, é a coisa de que se pode falar sem que seja necessária uma voz.

Poder-se-ia dizer, toda a voz é uma voz, poder-se-ia, mas valerá a pena? O prazer não possui nenhum pensamento. Sentir posfigura uma abertura para o sentido.

Ontem e hoje, agora e aqui, e depois? Depois, este prazer, ouvir no silêncio que paira e divaga a vibração teórica da luz, uma mentira sem importância.

Importa ser-se lúcido? Ser-se imanência, confluência de pareceres no aparecer? A casa destila este prazer sentido corpo, o corpo não sabe o que fazer com o real.

Melhor mesmo é gozar o que perdura numa disposição prazenteira da verdade. Negá-la ou afirmá-la já foi tempo. É tempo agora para o que é, existe e dura.

30/8/2012

OCASIÕES

A tarde não tarda nem entardece, a tarde
não arde nem desaparece, a tarde luz
numa atmosfera urdida de convívio.
O momento move-se sem um lamento.

Tudo passa no que passa por tudo. Tudo
diz. O que diz é uma língua mensageira.
Ouvi-la, ouvi-la, mesmo se, mesmo quando,
mas ouvi-la. Tudo se passa na vigília.

Só há sonho no sono, mas a noite feliz
não eclode neste instante. A vida esvazia
qualquer tentativa de tempo, a memória
não é capaz de produzir uma história.

Que bom! Gozar-se um silêncio no livro
que se abeira do pensamento, delírios
passados afirmam e contrariam, mas o quê?
Há incógnitas que duram eternamente.

A tarde entra pela janela na sua luz.
A luz não se mascara de nada. Flutua
na sua omnipresença com tonalidades
algumas vezes afectivas. Que sensação!

Não há nenhuma mão que a consiga
delimitar num tesouro compreensível.
Um sono ligeiro abandona-se no acme
do corpo, será possível tal desenvoltura?

Viver não é, realmente, uma aventura.
Acontece no que se tece de ocasiões,
agora um sol, outras vezes o sofrimento.
Sempre impensável e insubstituível.

30/8/2012

NADAR

Mergulhar nas águas frias de uma piscina.
Saber que não se fende nenhuma barriga,
muito menos de uma mãe. Desprotegido,
o sentido é nadar, fazer do corpo uma bóia.

Mergulhos que se dão em azuis profundezas
aquáticas, os olhos abertos até à exaustão.
Mas que mundo é superfície, que clarão
não se abate onde uma mão toca o fundo?

São minutos de corpo, a frialdade um redor,
levanta-se a cabeça, onde há luz há um sol.
Mas os olhos perplexos ignoram onde estão,
haverá lei onde as águas imitam um céu?

Nadar de uma ponta até outra ponta, nadar.
Se há costa ou naufrágio, quem o saberá?
Quem dirá onde o desejo encontra o prazer?
Que prazer ao fender as águas com o corpo?

Onde paira a consciência em cada braçada?
Pensar nunca foi acção. A acção é nadar.
Como num mar ondulado as ondas fictícias
reverberam nas paredes, soletram um som.

Há uma música algures. Há vários ritmos.
Há mesmo uma canção. Falta-lhe a letra,
resta-lhe uma lengalenga, uma memória
incapaz de se soltar na evidência da hora.

De braçada em braçada, de som em som,
de mergulho em mergulho, há um animal
à procura da origem. Se houve um começo,
em que fim a passagem encontrará um lar?

5/9/2012

O POMAR

No pequeno pomar uma mão trabalhosa
colhe de uma árvore uma maçã. O vento
transforma-se pouco a pouco numa brisa.
O sol, lá no alto, desce para o fim do dia.

Calor. O campo devorado pela secura.
Que aventura sentir na boca e no palato
o sol transformado em ácida suculência?
Mastiga-se o fruto. Algures a sensação.

Árvores perdidas nas folhagens caducas,
amarelecidos trejeitos ao sabor do tempo.
Os frutos já colhidos. Algumas maçãs
recolhidas ao silêncio de uma presença.

Esferas de uma carne vegetal, coloridas
formas pendendo numa sóbria gravidade.
Há ciência num fruto? Qualquer saber?
Devorada a maçã, o que resta cai na terra.

Sementes. Que não servem para nada.
O chão juncado de ervas, tufos secando
no esquecimento de uma chuva. Viver
por alguns momentos o fim do verão.

Restam as figueiras. Restam as videiras.
Os figos fogachos esverdeados, as uvas
nos seus cachos. Mundo, na emundada
terra. Será verdade? Que subjaz de real?

O pomar, o corpo nu, os poros na pele.
A água limitada. A solidão isola, imola
quem se abstrai no isolamento. Frutos,
escassos prazeres na escassez do mundo.

5/9/2012

ÁGUA

Água entardecida nos canteiros das rosas,
uma primavera jaz em cada rebento aceso
onde se expandem novas folhas. O verde
da mangueira esgueira-se pelo relvado.

Salvar ao menos as roseiras. Perdidas
pela seca, umas três ou quatro. Não ser
água! Não ser natureza! Que bondade
se vangloria na indiferença atmosférica?

Cadáveres ressequidos de testemunhos
de rosas são feridas, chagas, verticais
vazias do que já foi um contentamento
na sensibilidade. Haver e já não haver.

Jorra da mangueira a água que inunda
a terra forrada de ervas daninhas. Dor,
não haver tempo para se cuidar com amor
de um chão sujeito à infatigável natureza.

Da beleza das pétalas, das cores alegres
ficam algumas fotografias magníficas
gravadas na ilusão da tecnologia. Vê-las
fixadas em imagens não é uma memória.

Não é uma consolação. Só a realidade
é real. Tudo o mais poderá ser, existir,
mas que virtualidade se poderá encontrar
no virtual? Nenhuma rosa vive sem água.

Jorra a água sobre a terra ressequida.
Haverá ainda a possibilidade de se ver
a realidade contradizendo o real? Como?
Quem espera muitas vezes não desespera.

5/9/2012

COM NATURALIDADE

Espectáculo terrível, ver as árvores
plantadas este inverno amarfanhadas pelo sol.
Uma dor. Um desgaste. Uma absurda
incompreensão. A realidade é isto?

Sentir que alguma coisa tem que ser feita.
A mangueira longa como uma obsessão
desce ao terreno gretado. Água, desvelos
de água no chão. Círculos. Espasmos.

Primeiro as videiras. Depois as tangerineiras.
Depois os marmeleiros. Depois, por fim,
as laranjeiras, as mais sofridas. Não esquecer
a fileira de canas que formam um vê.

É preciso proteger do vento norte, salgado,
esta vegetação periclitante. O quadrado
é um soalco inexpressivo num chão
removido pela máquina. Uma experiência.

Um sol contíguo à pele, fazer do trabalho
o menor tempo possível. Como? Como?
Se há ainda regas a fazer. Um dever, último,
atém-se à mangueira como um carinho.

Não há amor que seja tão constante.
A terra não mente. Sofre contingências
no mesmo sentido que a humanidade.
Nada promete no que às vezes oferece.

Marmelos pendem como sóis seduzidos
pela miragem. Estarão já maduros?
Nenhuma mão será capaz de dizê-lo.
Há mistérios, vivê-los com naturalidade.

6/9/2012

DO MUNDO

Não compreender as coisas do mundo!
Sabe-se muitas coisas, a vida passa, acha
o que acha, uma fogueira, um destino.
Não compreender o que se pensa saber!

Uma estupidez decorre da inteligência,
que é inteligir? Sentir que nada existe
sem um espanto estupefacto de si mesmo?
Os sentidos em que corpo se albergam?

A terra. O planeta. O mundo. Oceanos
de viagens, pontos de suspensão, às vezes
a descoberta de ilhas de compreensão.
Mas de quê? Que quê se furta ao saber?

Idas e vindas, idas e vindas, daqui para ali,
dali para aqui, onde um onde capaz de ser
sentido? Tantas coisas fazem sentido
em significações alicerçadas em signos.

Mas um alicerce é apenas um alicerce.
Uma ferramenta. Não advém da realidade
estabelecida com o real. Alicerce de nada
pensa e sugere que pode explicar tudo.

A maravilha de haver. O horror de haver.
Onde permanecer, que saída? Abre-se
um sorriso como se fosse um fruto,
comê-lo ou não comê-lo? É o mesmo.

Não compreender, do mundo, o mundo.
Que acontecimentos acontecem na rede
da percepção? Que sensação, que sigilo?
Indiferente, o sorriso. Saber que ignora.

6/9/2012

A FELICIDADE

Experiências de azul no deslumbramento do céu.
Falsificações de nuvens evaporando-se raras.
Nenhuma interrogação no olhar, nenhuma voz.
Restolhos de uma brisa que abrasa a tarde.

Até quando? Poderá chamar-se imensidão
ao azul? Que pensamento ousará presentir
uma relação? Que dimensão estará em jogo?
Que música absorverá o silêncio da ausência?

O corpo perdido em milhares de gotas, a pele
lambida pela água e pelo sol, quem vencerá?
Não há espaço para o tempo. Para a memória.
Céu em toda a parte, basta abrir os olhos.

Nada é feito de nada. Tudo evolui na passagem
de um não sei quê a um não se sabe porquê.
A vida vadia. Sofrida. Nenhuma redenção.
Só a alegria de uma comissura dos lábios.

Não há tempo para o espanto. Excrescências
de cultura não cultivam nenhuma terra. Erra
um pássaro muito perto, que história escreverá
no acaso? Experiências da companhia.

Não fazer nada, a felicidade! Algures o mundo
aterrorizado pela sua existência. Sobreviver.
A canção que a humanidade entoia à toa.
Como se bastasse desejar para se alcançar.

O quê? Ninguém o sabe. Alguns chamam-lhe
dignidade, outros bem-estar. Lutas, guerras,
corrupções da sensibilidade. Mal-entendidos
estendendo por toda a parte o desentendido mal.

7/9/2012

NO CRUZAMENTO

Vai o automóvel pelas estradas imprevisíveis.
Mesmo em frente, no cruzamento, um acidente.
Como é possível? Não há tráfego na solidão
em volta. Apenas o mar a ocidente, espelhado.

Como foi possível, num cruzamento aberto,
ao dispor de qualquer olhar, um carro
e uma camioneta lançarem-se num desvario?
Vidros partidos pelo chão, pessoas, personagens.

Não há curiosidade para o inexplicável.
Há regras e leis, dizem, há comportamentos.
Mentalidades. Mas também acasos. Má-sorte.
Há. Mas não há consciência que não sofra.

Feridos? Uma angústia despropositada
infiltra-se algures na atenção de quem conduz.
Conduz a quê tanto frenesim? Tanta velocidade?
Vai o automóvel pelas estradas consabidas.

Curvas e contracurvas, pequenas rectas,
descidas e subidas, o sol empoleirado no céu
como se quisesse resistir à sua queda.
Uma atmosfera diferenciando-se em real.

Tonalidades executando-se em cores, muros
arranhados por outros carros denunciando a voz
de outras ocasiões. Onde a beleza? Música.
Alguém se transformou numa canção.

Bermas escurecidas por pneus, entorses
para qualquer razoabilidade. Que se passa,
efectivamente, no que passa? Será possível?
Não se pergunte o quê. Mas há respostas.

7/9/2012

ESCURIDÃO

Há sempre uma noite
que foge a qualquer realidade.
Há sempre um momento
em que se vive na ignorância.

Na ignorância de nós mesmos.
Lá fora a escuridão, vazio
inclemente incapaz de uma voz,
de um aceno, de uma medida.

Não que as luzes espalhadas
no horizonte não sejam luzes
de lampiões citadinos,
mas que dão a ver a quem olha?

Pontos nevrálgicos apontando
para estrelas de miragens
hoje impossíveis, que se perdeu
para se perder a imaginação?

A contemporaneidade vai
e vem no silêncio de um desvio,
onde se está aquém, onde
se é consciência de um além?

Impressões imprecisas, ei-las,
esgueirando-se pelos fundos
de inesperados mundos.
Mas onde, e porquê, e como?

Noite. E na janela vidrada
reflecte-se uma figura.
De que escuridão é advinda,
que significa, que testemunha?

11/9/2012

O DESEJO

Uma emoção enlaça a sensação
de uma harmonia, que acontece?
Onde se está para que ser seja
mais do que obedecer a desígnios?

Que corpo se redescobre vivo
na imanência do que é, que falta
desabrocha numa surda alegria?
Que ausência deixou de doer?

Esta emoção movida no diapasão
de uma música, haver ouvidos
onde não há nenhuma certeza.
Que acontecimento é da realidade?

Que realidade é esta? A casa
não dá para mais nada. As janelas
fechadas. Que dentro, que fora?
Que alcance capaz de ser vivido?

Haverá uma noite para que haja
uma aurora? Não haver ninguém
para nos elucidar. As coisas, casos
do dia, acontecimentos inerentes.

O corpo catapulta-se a impulsos
íntimos, intimida-nos, anula-nos.
Porquê pois esta alegria? Ser
desloca-se em ocasiões e ritos.

Abstráido no sentido da hora
o mundo demora entre a espera
e o desfecho. Tudo é efabulação.
Nada mais há do que o desejo.

11/9/2012

AS CRISES

Crises dito e daquilo amedrontam os cidadãos.
Receber é sempre um bem. Restituir
é sempre um mal. Povos destituídos gritam
fomes e dúvidas, que vai ser de nós?

Este nós não tem fundamento. Nem o povo
é mais o povo. Se alguma vez o foi.
Pobres e ricos foi sempre a solução
da humanidade, fora ou dentro da democracia.

O capital comanda. Poucos discutem o capital.
Aceitam-no quando dispensa benesses
imerecidas, não o compreendem cada vez
que exige um sacrifício das maiorias.

Ninguém questiona, verdadeiramente,
as crises em que se vive. Ninguém sequer
ousa procurar ou inventar um outro futuro.
Todos desejam do mal um esquecimento.

Um bem. A vida não dá presentes. O mundo
é mais complexo que um salário no fim
do mês. Quem se preocupa com os porquês?
Os donos do mundo fumam charutos.

Decidem. Que interessa se a ganância
é uma doença? Não há medicina nem cura
para o que é. Choram aqueles que pensam
sofrer o destino que lhes cai em sorte.

Ou gritam, ou barafustam. Mas, e agir?
A impotência não é só o etimológico
reverso da imbecilidade. As crises não têm
em conta as consequências. Nem os cidadãos.

14/9/2012

SEGUNDA PARTE

CONVERSAÇÃO MITRIDÁTICA

Diz-lhe o amigo, sentado num banco de uma praceta de uma vila sem história, estou convencido que a porética, inventada por ti numa efervescência heurística que durou anos, poderá, se se tiver a coragem de afirmá-lo, iniciar ou ser um movimento literário que denominarei de poreticismo. Ele, que o escuta civilizadamente, lança sobre o real um sorriso silencioso, incapaz de qualquer efabulação adversativa. Continua o amigo: Bem sei que a contemporaneidade se compraz na suspeição dos “ismos”, mas também não podes ignorar que a contemporaneidade passeia de preconceito em preconceito, como o da negação do que foi passado. Julgando-se um avanço. Mas avanço de quê, se não há progresso? Se só há diferença? E digo o que disse tendo em conta as convulsões imaginantes que tiveram lugar, depois da revolução francesa, no contexto ocidental. Houve um romantismo, houve um simbolismo, houve um modernismo, houve um pós-modernismo, por que não poderá haver um poreticismo? Ele ouve-o sem evidenciar uma qualquer incredulidade. Sim, recomeça o amigo, poder-se-á contrapor a esta minha ideia que se tratou, no passado, de vastos movimentos com vários figurantes da mesma geração, em vários países, e de alguns conceitos de base que os congraçaram, mas basta lê-los, a esses autores, para se verificar as distâncias estéticas, ou estético-ideológicas, que separam as suas experiências literárias. Ele esguarda o que ouve sem uma réplica. O que há de interessante no poreticismo, excita-se o amigo, é que, pela primeira vez na História, uma idade, a idade porética, não necessita de ser um movimento explícito de uma, duas gerações. Basta existir nos seus pressupostos teóricos e práticos (os livros publicados), nas suas propostas estéticas, para que se baste como presença e confirmação. O mundo, no seu pluralismo e na sua diversidade, não permitirá mais a ditadura de alguns poderes assegurando os seus interesses. Espero. Homens existem, mundos existem, afirmações existem. E tu, meu caro, também existes.

20/9/2012

CLONAGNÓIA

A deambulação simples de um pensamento extrovertido deliciado com uma desenvoltura capaz de coincidir com a realidade. O campo desliza para o Outono com uma tonalidade edulcorada pela deliberação do sol, árvores despidas de frutos não se iludem com a presença periclitante das folhas entenebrecidas de um desgaste. Mais dia menos dia a folhagem junchará o chão amortecido e nela só passos de homem ousarão percorrer o silêncio da natureza. Haverá pássaros, rodeios de coelhos, sinuosidades de cobras, perplexidades acidentadas de ratos, lagartixas insalubres, filas desmedidamente formigueiras. O par de milhafres sobrevoará a área do compromisso e em agudos gritos de uma linguagem desconhecida preencherá o vazio azulado, ou não, do céu. Ele lá estará. Espera. Possivelmente alheado de qualquer sofrimento ou de qualquer alegria, sentindo apenas que estar é um prazer indesmentível. Mas que próximo futuro ousará ser um futuro anterior? Ninguém sabe. Sabe-se muito cuidadosamente que se vive nos limites da sensação e nos conluios das percepções, o roseiral continuará a produzir rosas? Não sabe. Ele passa de olhar em olhar pela materialidade das coisas, ouve impossíveis arquejos da sensibilidade, julga-se talvez um animal, uma civilização, uma história. Desavinda a memória nada mais lhe resta que passar pelos meandros das ervas ressequidas na ustão indecorosa do sol abrasador. O que vai pelo mundo? Um pouco de tudo. Continentes procuram sair de misérias ancestrais, continentes estão comprometidos em riquezas insustentáveis. É, pelo menos, o que dizem. É importante o que passa por história? Têm algum interesse tais acontecimentos? Mudança foi sempre o nome da dança, um jogo de acasos e de equívocos. Procura apenas a sanidade carnal do seu corpo. Haverá contudo cura para o que não há? Perdido em congeminções vai pelas sendas disfarçadas até onde as últimas árvores, ao fundo do terreno ávido, se comprometem a comparecer. A vida não é, não foi, nunca será adjectiva.

20/9/2012

LOGOCLASE

Tem que ir à farmácia. Mais alguns dias e a prescrição finda. Tem que ir à farmácia. A manhã, quando acede à portada levantados os estores, oferece-lhe um céu encajado em nuvens de um branco acinzentado, grandes massas quase estáticas incapazes de se decidirem. Mas o que o atrai são os gritos das crianças na escola vizinha. O mundo não está deserto. Os desertos, não sendo só um mito especulativo ou simbólico, existem nos seus devidos lugares. Mas as crianças que gritam em chamamentos amigáveis ou em reconhecimentos alegres evoluem no recreio como se houvesse um futuro. Uma sociedade. Um mundo. Um prazer ver e ouvir. Mas tem que ir à farmácia ainda esta manhã. A tarde concede-lhe outros planos. Outras atmosferas. É sexta-feira. Há rotinas. Os percalços são mínimos. Os deveres mínimos. Ir à farmácia é uma necessidade inadiável. Sem remédios a sua vida não teria possivelmente remédio. As químicas contrabalançam outras químicas, ou faltas indesculpáveis no seu corpo envelhecido. Sofrer não é um delírio, uma alucinação, uma mania. Alguma música, baixa, não impede que as crianças se afoquem em sonoridades juvenis. The Pines é o grupo há pouco descoberto. Os pinheiros. Conhece-os desde sempre, o país desdobra-se em montanhas arborizadas, altos e baixos, sopés e topos, a língua do país distingue essas árvores em bravos e mansos. Nada como a natureza para que não se possa sentir, verdadeiramente, parte da natureza. Há divergências. Incoincidências. Alguns diriam, em abstrações mais ou menos quase filosóficas, há diferenças. Viver-se no meio do que se reconhece como uma coisa pode ser um bem, pode ser um mal. O que seria dele sem os fármacos? Sem a medicina? Não estaria nem em casa, no quarto de ninguém, nem observando os miúdos no recreio, no intervalo das aulas. Deambularia, e é já uma suposição benevolente, num outro recreio de uma outra instituição. Ou amarrado a uma cama, contorcido em absolutos. Ou já nem existiria.

21/9/2012

CLASTORTOLOGIA

Deitado sobre uma cama repleta de cópias de livros inscritas em folhas a4, entregue a congeminações inatingíveis, os devios olhos absorvidos no branco do tecto, deixa o tempo passar como se houvesse para lá do tempo uma outra realidade atinente a outras formas de um outro tempo. Mas sabe, realista, que não há. Passar é viver. Antes, pensa ele, deitado numa cama assertiva que ocupado em afazeres da produção capitalista. Uma fábrica deve ainda ser, como lhe foi outrora, um espaço terrível, um tempo destituído. Mas as pessoas querem, desejam trabalhar. É vê-las em manifestações incalculáveis lamentando-se do desemprego que as assola. O trabalho é o sustento de homens e de mulheres, das suas famílias. O ocidente, medita ele numa desproporção do pensamento, nada mais tem para oferecer aos seus indígenas. Todo o mundo pretende subviver a todo o custo. Os falhanços das políticas humanitárias de outrora explodiram em monstruosidades inauditas, quem ousaria hoje falar de uma cooperação entre os povos, entre as gentes, entre as comunidades? Parece pois que a ordem do dia é a competitividade, a fórmula em muitos sentidos mágica capaz de enriquecer alguns em detrimento, é claro, de outros, os menos competitivos. A guerra foi sempre uma realidade. O real uma crueldade. No canto do tecto, entre a horizontal e a vertical oriunda das paredes que se juntam, há uma obscuridade quase imperceptível. Os olhos distintos que agora o explicitam tentam compreender a razão de tal facto. Não conseguem compreender. Há ignorâncias milenárias que ganharam foros de inevitabilidades. Os homens, dizem os que dizem, são o que são. Sempre foi assim. Verdade que estar deitado na cama, ouvindo Mark-Antony Turnage, é um privilégio. Ter vivido, ter vindo ao mundo, foi, não é de hoje que o pensa, um castigo. Tentou alegrar o acontecimento com exteriorizações idiossincráticas, mas o perigo sempre esteve, como se nada fosse, a um passo: a loucura não fará nunca o elogio, nem do prazer nem do sofrimento.

21/9/2012

HETEROCRESE

Na cozinha aberta ao sol matinal, desprendido na absorção do chá, mastigando com uma concentração aprazível uma tosta amanteigada, ele permanecia, vendo pela portada adjacente à varanda, através da vidraça, a frente do seu apartamento. Uma rua, quase perpendicular à porta do edifício onde habita, divide o espaço em dois talhões. À esquerda, onde alguns eucaliptos apontam para o enigma do céu, desnudam-se duas entidades bem precisas. Um parque para os pequenos, sobresaindo nele variadas cores camuflando o plástico, e, logo a seguir, quase em frente, o parque propriamente dito, onde vários aparelhos metálicos proporcionam aos adolescentes e aos graúdos a possibilidade de exercitarem o corpo. Neste preciso momento é-lhe dado ver um velho sobre uma dessas estruturas capazes de simularem a marcha que o faria percorrer périplos mínimos nas ruas vizinhas. Nunca teve a coragem, ele que tanto precisa de exercício, para se lançar numa dessas máquinas do tempo achado ou perdido. E ser-lhe-ia mais benéfico e menos perigoso que deambular pelos passeios desnivelados do bairro. Porquê tanta inibição, tanta timidez? Não saberia responder. Há coisas, actos e acções, que lhe estão interditas. Não há, suspeita, nele, uma verdadeira liberdade. Ou melhor, talvez a liberdade de que falam as sociedades ocidentais como uma conquista nunca tenha atingido a sua consciência. Por isso olha com admiração, sentindo mesmo um certo ciúme, o senhor que persiste em mover-se pela imaginação de caminhos inexistentes. Não ser capaz! Fingir é-lhe tão doloroso que nem para o seu bem consegue infringir uma lei que não advém, sequer, de um imperativo moral. Dizem que a vida é feita de acontecimentos, dizem o mesmo da história dos povos. Dizem. Ele pensa que os acontecimentos são apenas determinações arbitrárias. Há talvez uma necessidade muito humana de se colocar pontos de viragem no tempo, como se o tempo fosse um caminho, ora virando para a esquerda, ora virando para a direita.

24/9/2012

DISNUSIA

Nunca soube pensar. Mas só com a idade, revendo na sua memória frágil factos e experiências, é que se apercebeu dessa impossibilidade. Nunca soube, mesmo, o que é pensar. Claro que sempre repetiu ao longo dos anos, penso isto, penso aquilo, mas isso era pensar? Ou só emitir opiniões, extracções de sentimentos, exacções pragmáticas? Em que pensa neste momento preciso? Pensa que nunca, realmente, soube pensar. Pior ainda, pensa que nunca soube que não sabia pensar. Imbuído de contradição refugia-se na música e no olhar, na cumplicidade do fora. As coisas, dizem as pessoas, disse-o ele mesmo tantas vezes, as coisas, mas o que são as coisas? Leu filósofos antigos e contemporâneos, cada um propunha uma definição para o que era a coisa. Tanta diversificação não o divertia, pelo contrário, exasperava-o. Não lhe era consolação a disparidade de disparates proferidos e escritos ao longo dos séculos, não compreender o real é um vexame permanente. É como se não vivesse de facto, realmente. Por isso, como compensação, vive de realidades, umas mais realistas do que outras, algumas tão inexcedíveis que não pode deixar de sentir a existência como uma mentira. E no entanto levanta-se todos os dias, todos os dias se entrega a abluções, todos os dias se veste, se alimenta, passa pelo tempo como se fosse o tempo a passar por ele em rugas e verrugas da sua pele. Dizem, os mais afoitos, que não há mistérios. Mas tudo o que faz, cada acção perpetrada parece-lhe um mistério, um mistério onde a rotina nada mais é do que uma palavra que não faz sentido. Ser, dizem alguns, tem muito que se lhe diga. Ser, para ele, não tem nada que se lhe diga. Talvez por isso mesmo nunca tenha conseguido pensar. Talvez pensar seja ouvir do ser, de ser, paráfrases infinitas de sabedorias intangíveis, confissões sussurradas de essências camufladas em espelhos de descobertas. Ter vivido e não ter, realmente, vivido. Ter aparecido e não ter, por isso mesmo, aparência. Algo está errado. É o que sente sem pensar.

24/9/2012

PARACRESE

Nada para comer. Que chatice! Consciente de que anda de cuecas em casa, vai à sala de estar recuperar as calças que se acomodam ao sofá. Veste-as num menos que minuto. Depois procura os sapatos, perdidos algures no corredor. Calça-os com a ajuda da sanita quando tem que enfrentar os atacadores. A chave do automóvel sobre a mesa. Dá uma vista de olhos, uma vez mais, ao frigorífico. Nada. Nada de nada. Impõe-se uma ida ao supermercado mais próximo. Abre a porta do apartamento, franqueia-a, fecha a porta do apartamento um pouco apressadamente, para não ter que recorrer à programada economia da iluminação das escadas. A vida é um sofrimento. Desce do primeiro andar num passo literalmente ligeiro, a porta de entrada do prédio desdobra-se numa efusão de luz quase hermenêutica. Onde deixou o automóvel, é a pergunta que se faz. Ei-lo, a alguns metros de distância, encostado sobriamente ao rebordo do passeio. Num gesto maquinal, mas não desprovido de humanidade, despoleta o mecanismo que lhe proporcionará o acesso ao seu interior. Abre a porta da frente enquanto obriga o corpo a uma contorção já consuetudinária, sempre teve problemas com o tejadilho do veículo. Sentado ao volante, colocado o cinto contra o seu peito, liga o motor. Faz marcha atrás, olha para os lados, enceta uma cuidadosa marcha em frente. O supermercado é logo ali. A menos de um quilómetro. Ir a pé seria um exercício salutar, far-lhe-ia bem, mas quando se compra congelados é uma chatice, o calor do sol, sempre bem-vindo, corrompe, ou pode corromper, as vitualhas adquiridas. Não é por acaso, dizem alguns politólogos concisos, nos seus comentários televisivos, que são os países do sul da Europa que mais são dados à corrupção. Que fazer? O que é, diz o povo com quem convive, tem muita força. Conduz o automóvel com um carinho assimétrico. Tudo ao redor lhe é reconhecível. Nada mudou no mundo que o cerca. Pensa, alegremente divisando a fachada cosmopolita do supermercado.

24/9/2012

CLONOLOGIA

Por acaso, devido à súbita mudança do tempo, percebe distintamente, tendo também consultado o calendário, que o Verão deu passagem ao Outono. Mas a experiência do Verão poderá na próxima semana regressar, independentemente do saber. Claro que o sol não gira à volta da terra da mesma maneira, não nasce nem morre nos mesmos pontos coordenados da geografia, os dias abreviam-se paulatinamente, a própria luz adquire outros matizes, outras nuanças. Mas as roseiras, regadas, continuam a explodir em colorações visíveis e palpáveis, rosas nem sempre cor-de-rosa, plantas alegrando a avidez do olhar. Por acaso, mas só por acaso, não se sente nem alegre nem triste. Todos os anos é a mesma coisa. Diferentemente. A chuva que caiu no meio da noite fê-lo levantar-se da cama. A maravilha, o terreno incapaz de se encharcar da água pendente, como se o calor do Verão tivesse petrificado a terra. O chão não é ainda uma esponja. É uma superfície deixando a água correr livremente de um alto para um baixo, como se riachos ínfimos procurassem ardentemente uma foz. Siderado pelos relâmpagos elucidando o céu em espasmos brancos de um segundo, embora incapazes de trovões, viu pela janela, com um sorriso mais íntimo que o dos lábios, a água acesa cair dos beirais, sensação de cascatas vividas do lado de lá, se há um lá onde há qualquer coisa. Tão cedo não terá que gastar dinheiro com a electricidade que faz funcionar a bomba quando precisa de água para regar as jovens árvores, o relvado, as roseiras insaciáveis, os vasos votivos que se alinham em geometrias de inefáveis signos. A vida, dizem os peritos, nasceu na água. Alguns até dizem que ao planeta não se deveria chamar terra, mas oceano, de tal maneira a desproporção entre a massa líquida e a sólida. Ah, mas o que seria da arrogância humana? Onde vivem os homens que habitam o planeta? O antropomorfismo não é só uma figura de retórica, é uma evidência desafiando qualquer constatação, é uma necessidade da consciência.

25/9/2012

CATAGLOTISMO

Quantas e quantas vezes, atravessado de meditações fantasmáticas, depascentes, não presentiu ele línguas estrangeiras laivando a sua consciência com elações anfigúricas, chamamentos disertos, diálogos apodemiálgicos? Situações aflogísticas onde se viu envolvido em exulcerações exiciais, catástrofes da palingenesia, alagens nemésicas, essas noites inultas devoradas pela insónia. Sim, mundos impérvios tauxiavam no seu corpo acampto sigilos de outras civilizações onde os seres não eram humanos. Gritos jussivos terebravam a sua carne, a música do nada alistridente abduzindo o suor do terror, exsolvendo qualquer tentativa de identidade. Cerebrações tenebri-cosas afuroavam o pensamento adstrito, aboletavam tentativas de fuga, mas nada. Ninguém o vinha salvar. Ninguém o podia salvar. Ancípíte de si mesmo procurava bispar um longe que fosse irremeável, só encontrava o ctónico fogo da insolvência alabarando o desejo de escapar. Escarificava a memória, em que passado amíntico poderia compreender a experiência do mal? Álalo, sentia-se eco de qualquer coisa, mas de quê? Na ignorância mais impróvida adunava palavras que pudessem ser mágicas, eversoras, mas nunca atingiu uma coesão ultriz, um compromisso venéfico capaz de o libertar ou de o defender da eclosão epidíctica que se insinuava como uma possibilidade icástica de loucura. Onde o real? Só realidades dévias, acescentes, ignominiosas se prefiguravam na sua inclemente e abstrusa desposseção. Sentir era um sinal de fórmulas obsessivas, parapeitos entronizando miragens de horizontes ainda apocalípticos. Como obumbrar essas vozes, ilichar os seus cantos catatónicos, como fazer perceber ao acaso epulótico que a sorte não estava do seu lado? Quantas e quantas vezes, desprovido de corpo uníloquo e de uma carne ignoscente, não se sentiu demitido de si mesmo, esquipático, nem um eu nem um outro, nem seu nem de ninguém, mas apenas um clangor estridente e estranho, o campo de batalha de uma batologia patética.

26/9/2012

OSMOSAGNÓIA

Ele nunca compreendeu que era ou fosse um ele. Nunca quis admitir que não era uma pessoa, um simples eu, um simples tu. Que o mundo, em certo sentido, sempre incerto, lhe estava vedado. Não é por acaso que o miolo do que é se tinja de uma raiva desmedida, de uma revolta gramatical. Ele, para dizer a verdade, nunca se sentiu um ele. Algo estava errado na sua identidade. Havia ali uma falta, uma fenda, um abismo ontológico, uma descoincidência inexplicável. Para quê viver se não podia ser? Se não podia ser real nem tão-pouco, que lhe seria muito, estabelecer com qualquer coisa uma realidade? Daí a profunda injustiça de qualquer narrativa na terceira pessoa. Porque a terceira pessoa não existe, não se coaduna com os predicados da existência. É uma monstruosidade acataléptica. Uma mentira no recheio alienado da civilização. Assim, incapaz de ser alguém, só lhe cabia, só lhe coube tomar como essência, num mundo dessacralizado, a possibilidade indevida de se assumir na pele fantástica e fantasmática (se não são a mesma coisa) de um ninguém. Positivando-o, com artimanhas desculpáveis. Isto é, introduzindo-se, tacitfluamente, como se nada fosse, na ausência dos outros. Um campo fértil de experiências incomensuráveis. Todas as vezes que o apelavam, ou dele se serviam, perdidos de presença ou de aparência, para fazer parte de uma ficção, ele subsumia todas as características da pessoa que se pensava um eu ou um tu, sugando a vida alheia que, em certo sentido, tinha que deixar de o ser para poder ser sentida pelos outros como uma invenção da imaginação sempre fácil. Acções, vicissitudes, peripécias, enredos, tudo isso assimilava com um sorriso de vingança nos lábios. Precisavam dele. Não haveria história sem a sua presença. Não haveria memória se ele não incorporasse um passado ou tendesse para um futuro. Mas poder-se-ia considerar uma vitória, uma conquista, tal facto? A verdade é que nunca poderia ser, ou vir a ser, uma verdade. A condenação talvez não seja um castigo, mas é, sem dúvida, uma maldade.

26/9/2012

ECPLEXIA

Sustos no corpo frangível, vertigens que o catapultam a suores indecifráveis, calores inesperados que o assaltam, dores em órgãos incompreensíveis, ardências testiculares que preconizam, talvez, a objectividade sugestiva da impotência. Tenta esquecer o que lhe acontece com horas pespegadas em livros perecíveis, em visionações televisivas, procurando um mundo que, na sua crueldade e na sua violência, como na ingenuidade de uma inocência ou de um ridículo, o alivie do sofrimento quotidiano. Diz, quase canta, alegria, alegria, mas não será toda essa agilidade mental o processo de uma denegação? Será que, depois de tudo, ainda terá medo da morte? Ele pensa que não há uma resposta capaz de lhe facultar uma verdade exímia. Ele já passou por experiências e por vicissitudes mais ou menos duvidosas, ele já perpetrou acções e actos que não foram sentidos como se tivessem sentido, ele já fez e desfez e refez, que mais lhe falta passar? Ele sabe que nunca poderá deixar de ser o que é. A sorte nunca lhe permitiria fabricar um destino factício. Enigma do humano, deixa cair sobre o real olhares às vezes parcós, às vezes prolongados. Vê, reconhece, tudo é tudo, tudo possui um lugar, nada lhe é estranho. Só o que não vê, ele próprio nele mesmo, pois não há espelhos para a quimera incomensurável do eu, o coloca numa penosa situação de ostracismo, exilado, não no espaço nem no tempo, mas na eclosão de uma incógnita, de uma dispensação. Ele reconhece e aceita: não faz falta. Nunca fez falta. O que é não precisou nem precisa da sua presença para nada. O que é não exige um testemunho para ser. Que delírio pois é este que se desgasta e alastra na mudez do seu corpo, na espessura da sua carne, no fluxo da sua consciência? Que paz lhe é adversa? A tensão que o perpetua na ignorância que o tolhe ousará medir as consequências de uma sensação de alegria contemporânea do susto que o fere cada vez que não se sente mais do que um animal? Poder-se-á viver sem verdade? Morrer como se nada fosse? Ele sabe. Pode-se.

26/9/2012

AGONGLOSSOLOGIA

Num infinito desprezo pelo que é, sem saber o que fazer, o que poderá fazer no preciso momento, olhando pela janela solitária, ninguém à vista, ele consente que desmentidos de pensamentos ascendam à consciência com a naturalidade e o realismo do que existe. Não se sente com uma particular disposição para esmiuçar o significado do verbo existir. Ele existe, deixá-lo existir. Mesmo se imprevisto para referir a realidade ou a sua precariedade quase comovente. O globo onde vive parece que deixou de ser o mundo. O mundo é um alçapão de vozes abrindo a sensibilidade em percepções que se confundem muitas vezes com sensações. As sociedades fazem o que podem para subsistir. Não há riqueza para partilhar. Diziam, os ideológicos historiadores, que os deuses eram fantasmagorias mitológicas de uma antiguidade ultrapassada, mas parece agora que outros deuses vindos de um futuro incompreensível chegam todos os dias com armas e bagagens. E impõem aos pobres mortais regras e comportamentos, metas e desfechos, fazendo-os ainda mais pobres do que já eram. Ah, não haver um ânimo colectivo, solidário, entre aqueles que se dizem povos, para combater esses seres que invadem a terra indiferente ao que acontece! Pelo contrário, tomados de uma vesânia tentacular, em vez de se unirem num esforço meditado, único, começam, essas gentes, a guerrear-se como se a injustiça que sentem tivesse uma razão de ser oriunda da presença dos outros. É vê-los trucidando-se em batalhas sangüinárias, perdendo vidas, exsudando ódios e raivas. Enquanto os renovados deuses sorriem no cúmulo das suas inteligências assustadoras. Ele não sabe o que poderá fazer. Ou melhor, ele sabe. Nada. A janela não é uma porta, um limiar, uma soleira. E mesmo que fosse, mesmo que pudesse sair de si ou do espaço que habita, que armas possui para defender o convívio e a companhia? Nenhuma. Só pode testemunhar o que acontece sem, na realidade, perceber o que é um acontecimento. Mas os deuses novos, fantasmas fiduciários, sabem. E fazem-no.

29/9/2012

CONVERSAÇÃO ACUSMÁTICA

Mas alguns amigos convictos, inteligentes, dizem-lhe, não é nada disso. Não há deuses novos nem velhos. Há apenas milhões e milhões de investidores. Que somos, de uma maneira ou de outra, nós. Nós, os que criamos bancos pensando estamos a resolver os problemas da humanidade, do mundo, das nossas vidas. Bancos, repetem, como se proferissem uma evidência quase material. E concluem, carinhosos e condescendentes, não percebes nada do que se passa, és um ingénuo. Mas então, pergunta ele, por que não se acaba com os bancos? Que nós, que amarras, que grilhetas nos ligam ainda a tal monstruosidade abusiva? Aí, eles, os seus amigos, introduzem-se num silêncio conspícuo, mãos amarfanhando os cabelos das cabeças esclarecidas. E alguns replicam, não compreendes o que é o capitalismo. Viveste sempre num ir e vir do local do teu emprego, trabalhaste em ocupações fáceis, amealhaste até alguns tostões (e isso é, já agora, uma faceta do capitalismo, informam-no eles num parêntesis, como se dominassem uma matéria inalcançável, profunda, enigmática). O capital é-lhe pois um mistério. Um mistério contemporâneo. Qual mistério?, qual mistério?, lá estás tu a resvalar para as filosofias baratas, insistem eles, o capital é a realidade, mais, é o real de hoje, de agora, do presente. O que economizaste dia a dia, estupidamente, faz parte da economia. E a economia é tudo. Aí sim, poderemos concordar contigo, se contemporizarmos com as tuas ficções alienantes. A economia é deus. Omnipresente, onnipotente. Não uma alegoria, não um símbolo, não uma metáfora. Deus é uma enorme máquina comandando os destinos do mundo, das pessoas, das actividades, das energias. E nós, quer se queira quer não, somos maquinarias ao serviço do capital. Tens que compreender, nunca fomos, mas nunca, seres humanos. O mal separou-nos da natureza. Nada mais fazemos de que obedecer, no fundo, à máquina que existe dentro de nós. Chamaram-lhe, a isso, outrora, alma.

29/9/2012

CATAFONIA

Embora sábado, alguns miúdos espriam-se, como vozes que são, no vasto recreio da escola. Actividades. Jogos. Entretenimentos. É um prazer, para ele que se encontra num estado quase sorumbático, ver a luz do sol embater nos sons naturais de uma língua humana. Ecos eclodem como se as réplicas não fossem catastróficas nem vindas do ameaçador vulcanismo terrestre, tudo está, aparentemente, bem. Que felicidade, ver esses adolescentes evoluindo, estáticos ou correndo, no espaço de uma contemplação. O sol, desaparecido há alguns dias, inunda-o de uma leveza sensorial. Árvores balouçam, talvez felizes, talvez indiferentes, como pêndulos de relógios: tempo. Tempo, é a palavra que lhe vem à cabeça. Sente que tudo faz sentido. A manhã, o sol, os adolescentes, as vozes, os sons. E consente, sem prejuízo de algum preconceito, a alegria. Viver é bom. A esperança não se faz esperar, ei-la, diante de si, eco de uma intimidade absoluta, histórica, material. Nuvens esparsas apagam ou disfarçam, por alguns segundos, a presença do sol. A temperatura que faz, porém, não é a mesma da semana passada. O sol será o mesmo? Ele será o mesmo? Dizem, tudo muda. Ele balança seu corpo contra o parapeito da janela, há uma música algures, ritmos de canções impossíveis, ou tão antigas que lhe escapam na precária memória. Será estultice, pergunta ele a quem é agora, pensar que foi um homem, que é um homem? Que viveu, que vive ainda? Compreende sem nenhum embaraço, não deixou nenhum rasto da sua passagem na terra, nas metamorfoses do mundo, nas categorias do pensamento tantas vezes arbitrário. O que sentiu e pensou só se repercute, quando se repercute ou se produz, dentro de si. De si, que não possui nenhum dentro. Nenhum fora. O corpo, é verdade, distinguiu-o dos outros, era quem era, foi quem foi, é quem é. Há, sente e consente como uma possibilidade, um eco sem origem em nenhuma voz, um eco infundavelmente aberto na eclosão de uma presença. Da sua presença. Quando findará? A pergunta é obsoleta. Sem resposta, sorri para o sol.

29/9/2012

PARAGRAMATISMO

Muitas vezes, acabado o dia, chegada a meia-noite, depois de ter visto algum filme que o prendeu à televisão estéril, ao levantar-se do sofá, olhando ocasionalmente para as fotografias de vários membros da família iluminadas por um candeeiro feérico, sente um estranho impulso do pensamento convulsivo, ouve no silêncio da sala de estar qualquer coisa como, até quando durará isto? Não é uma pergunta angustiada, muito menos angustiante, é uma pergunta que nele reverbera com uma alegria que atinge, talvez, alguma dimensão outrora percebida como metafísica. Essas fotografias jazendo na mesinha, uma neta, uma filha, uma mulher, parecem envolvidas no icástico, mais do que icónico, esplendor do que já foi a eternidade. A alegria é um facto, um fenómeno. Mas o que, nessa alegria prazenteira, inadiável, insofismável, pensa ele, o devolve ao real, é esse termo descabido, *isto*, que parece não remeter para nada de substancial, para nada de imanente, para nada do vivido que qualquer memória deveria aboletar. Aconteceu-lhe, ainda ontem, essa sensação. Há momentos, mesmo repetíveis e, até certo ponto, rotineiros, que desfazem qualquer ideia, qualquer noção, qualquer conceito de derrelicção, de abandono, de solidão, para se introduzirem na consciência absorvida pelas actividades diárias como uma outra humanidade. Permanecer por um ou dois minutos nessa talvez ilusão abre-o numa incompreensível realidade. Morte e vida, dicotomias mais do que civilizacionais, deixam de fazer parte do léxico da língua, evaporadas, eclipsadas, temporariamente insentidas da existência. Quanto mais tempo durará isto? A pergunta, silenciosa embora, é formulada, é-lhe perceptível, traz consigo uma intimidade que o dissolve numa felicidade indescritível, passagem para uma outra contingência, para um outro sigilo. Nesses precisos, indeléveis termos, quanto mais tempo durará isto? Ele tem a certeza que não se trata de uma dispersão, de uma invasão acusmática. Então, com um sorriso pragmático, tenta responder a essa pergunta. Isto é a verdade.

2/10/2012

DISORTOLOGIA

Fazer exercício. Andar. Marchar. Mas fazê-lo sozinho é um castigo. Precisa de conversar, de dialogar, de ter uma presença humana ao seu lado. Pede à mulher, vamos dar uma volta pelo bairro. Saem, a escadaria cheirando a uma lixívia suportável. A rua nada mais é do que a rua. Mas os eucaliptos gigantesco no parque minúsculo não são apenas um espetáculo, são um odor de folhas caídas no chão como se tivesse havido outrora qualquer coisa que insiste em surgir como memória. Bouças, no norte do país. E um pai fazendo uma escassa fogueira com essas penas vegetais. Os irmãos completando o círculo. O fumo imbuindo as narinas. Mas agora sente qualquer coisa no corpo, uma vaga sensação de queda próxima, como se em cada passo houvesse uma sombra, mesmo um colapso, mesmo uma morte. Está, pensa ele e pensa a mulher, muito gordo. Não faz exercício. Passa os dias deitado na cama a ler, a ler, o quê? Disparates mais ou menos filosóficos. Ouvindo, em surdina, alguma música clássica mas contemporânea. Por isso, a decisão precária, sair, dar ao corpo a sua quota-parte de necessidade. E vão. Vão por essas ruas de tal maneira suburbanas, de tal maneira emporcalhadas, que uma impressão de náusea fá-los imprecisar críticas ao país que sempre viveu da sua crise. Os passeios são ondulações escamosas de um mar de cimento, preferem, mesmo com o perigo de serem abalroados, o asfalto. Automóveis passam em limites de velocidade que muitas vezes não coincidem com a lei, mas que lei? Boa pergunta. Adolescentes evoluem vindos da escola mais próxima, que proximidade com eles? Ouvem-nos. Nenhuma diferença, alguns diriam, cultural, com os seus pais, com os seus avós. A grosseria impera, já não imperial como o fora outrora, mas descida a um desmentido da educação. Ele não ignora, pela experiência que teve durante anos e anos profissionais, o fenómeno. Também ele entrou, ou entrava, em dias da semana, nesses recintos miasmáticos, se o adjetivo não estivesse já morto ou esquecido no recesso dos dicionários. Que pena!

2/10/2012

ACRISIA

Decididos a continuar continuam, tentando passar despercebidos da injunção do real. O bairro, ou lá o que for, por onde se aventuram pela primeira vez desde que vivem nos arredores, resume-se a uma expansão de edifícios catalogados pela fealdade disjuntiva, fileiras de fachadas enfrentando outras fileiras de fachadas, fechadas na incompreensão de uma arquitectura que, com certeza, nem existiu. O acaso não é só uma explicação finamente filosófica, pode também ser a outra face da arbitrariedade imposta pela economia ou mesmo pela argúcia financeira. Mas avançam, eles que avançam, saltando ou desviando-se todas as vezes que coprólitos impropriamente recentes de animais domésticos se apresentam na superfície esfarrapada dos passeios ominosos. Com a atenção dispendida nos obstáculos encontrados, como manter uma conversa mais ou menos decente? Na próxima vez, acham eles, terão que escolher outros horizontes, desvendar outras vizinhanças. Mas eis que em frente, atravessada a rua periclitante, se lhes apresenta, como um mistério indecifrável, um supermercado com um aspecto civilizado. Como será possível haver ainda oásis por descobrir? Introduzem-se nesse templo condicionado por um ar apazível. Desconheciam-no de todo. Mercadorias em prateleiras dispostas a formarem corredores atraem os olhares dos consumidores, formas e cores e preços divulgando a existência de uma vida contemporânea, de um tempo no presente. Eles passam olhos pelos objectos expostos, expostos ao encanto da diversidade e da quantidade, tentando vislumbrar uma razão para adquirirem, parcamente, alguma coisa. Se possível, útil. E encontram. Um desumidificador, inexistente no supermercado que geralmente frequentam. Duas latas, uma de feijão vermelho, outra de grão-de-bico. Um pacote de pastilhas para a máquina de lavar louça. E cinco pães de mistura, o que quer que isso signifique. O século, dizem os sociólogos, vai ser de misturas, misturas de raças, de gentes, novas políticas para a subvivência. Sempre foi assim, não é nada de novo.

2/10/2012

ANUSIA

Lembra-se, como se não fosse hoje, porque foi há muito, mas mesmo há muito tempo, noutras paragens da terra, de um amigo recente, num café sonoro e deiscente, dizer-lhe, com uma convicção perceptível, quase metafísica: «Il s'agit donc de tirer de l'oubli un oubli qui s'oublie.» E lembra-se da sua estupefacção perante tal frase hoje histórica. Nunca compreendeu, desnecessário é dizer, o que ouviu. Que língua era aquela, não o francês, obviamente, mas essa língua que permitiu ao seu, então ainda recente amigo, proferir o que disse? Hoje, compungido, experimentado nas elucubrações da vida, e passados tantos anos, arrepende-se de não ter contraditado essa frase com uma do tipo: «Non, non, il s'agit surtout de tirer du souvenir un souvenir qui se souvient.» Mas essa afirmação faria algum sentido? Nenhum. A frase extemporânea do seu amigo, verdade, não a compreendeu, mas fazia, faz, não sabe porquê, sentido. Há contrários que não são possíveis. Nascer e morrer, compreende-se a dicotomia. Mas quando se diz, num apogeu do truísmo, nascer, viver e morrer, condição humana que ninguém poderá contestar, onde encontrar, e em que língua, em que frase lapidar, a palavra oposta de viver? Morrer? Mas então, pensa ele um pouco confuso, incapaz de lógica, a morrer, uma palavra, poderá opor-se duas palavras, nascer e viver? O pensamento é impiedoso com ele. Não consegue, nunca soube pensar. Olha para todos os lados como se nada tivesse acontecido. Sente, embora não queira admitir, uma certa vergonha. Mas qualquer coisa, não fazendo luz, nasce na sua impossibilidade. Tenta a frase: «Il s'agit donc de tirer de la mort une naissance de vie». Estupefacto, repete duas ou três vezes a obscenidade consentida. Não compreende a frase. A frase não faz sentido. Repete mais uma vez o desconchavo proferido até visualizá-lo como uma fantasmagoria. Lembra-se de leituras. Sim, a frase contém um significado. Um significado emitido por religiões que sobrevivem ainda hoje. E mesmo filósofos de nomeada já disseram, pensa ele, algo de muito parecido.

3/10/2012

PARASSEMARESE

O automóvel, para lá do transporte consignado, que o tempo, segundo todos os testemunhos, é de crise, oferece-lhe canções que o acompanham ao longo do trajecto. A voz que o soleva a regiões do gozo como do prazer é de Bill Callahan, e a música, como tantos o disseram ao longo do tempo, é um bálsamo. Alguns, literatos de trazer por casa, pensando introduzir alguma inventividade ao truísmo, até acrescentaram, um bálsamo epulótico. Que se pode fazer, vive-se, dizem, em democracia. Ele percorre as ruas do bairro a uma velocidade legal, depois da rotunda enfia-se numa estrada mais arejada, várias opções, mas uma só via é escolhida. São umas cinco horas da tarde. O sol explode no céu como uma imaginação do que poderá ser o apocalipse, engraçado, o cantor – palavra que detesta para os músicos contemporâneos – está mesmo agora a cantar, ‘my apocalypse’. Há coincidências que até coincidem. Outras não. Outra rotunda que nem sequer tem de contornar, vira para a direita e desce helicoidalmente até chegar a uma espécie de cruzamento, já que no país, de uma maneira geral, tudo permanece um pouco indefinido. Novamente a direita e depois é só seguir em frente até se incluir num parque improvisado e espaçoso, junto a um edifício que de qualquer maneira é uma instituição autárquica, embora ignore qual. Sai do automóvel, desaparece a música. Nenhum pobre lhe estendeu a mão para receber uma caridosa moeda. Possivelmente o seu horário de trabalho corresponde ao dos funcionários públicos. E até faz sentido. Afinal vive-se num estado de direito. Espicaçado por tais pensamentos aleatórios e um pouco absurdos, chega à clínica. Quase ninguém. Uma senhora simpática, levantando-se talvez do desconforto que é, ou será, permanecer por muito tempo sentada, depois de saber ao que ele vai, retira de uma máquina imbuída de uma tecnologia actualizada o talão que lhe será necessário dentro de alguns minutos. Estende-o com um sorriso nos lábios, ouvindo ao mesmo tempo um caloroso obrigado. Ele espera. Que dirão as análises?

3/19/2012

PALILOGIA

Na baixa da cidade suburbana, diz-lhe ela, olha para estas lojas, estas boutiques, todas fechadas. Quem viu! Como é possível? A rua é quase, nada de exageros, o que o dicionário propõe como o significado da palavra desolação. Na vitrina de um negócio aparentemente arruinado, em liquidação, os preços descidos para a sua metade, vê-se vestuário para homem e para mulher. Um casaco de bombazina, daqueles que ele costumava comprar nos *states* por vinte ou trinta dólares, e que ainda conserva para usar nos dias de inverno dentro de casa, tem na visível etiqueta a cifra de cem euros. Repara, repara, diz-lhe ela um pouco espantada, este casaco custava duzentos euros. Pois, replica ele. Pois, repete ela. E depois queixam-se. Avançam pela rua fora, desastre sim desastre não, ou quase, porque o comércio chinês continua aberto em grandes e pequenas superfícies frequentadas, como eles testemunham, pela população local. Ah, dizem alguns empresários, dizem alguns políticos, dizem alguns economistas, dizem alguns comentaristas, mas a qualidade é fundamental. Ah, pensa ele, como se lhes respondendo, para aqueles poucos que podem comprar a excelência. Mas que tonalidade afectiva perante o que acontece? Para dizer a verdade, ele ignora o que sentir, o que pensar. Sentem os dois, nas pernas, a dor de marchar há mais de uma hora, pois o desejo de saúde parece tê-los convencido a praticar o exercício diário. A baixa é um falso labirinto. Ruas que se cruzam, aliviadas passadeiras para os transeuntes. Poucos automóveis deslocando-se nas mesmas artérias onde outrora havia engarrafamentos. E buzínadelas apressadas, trabalha-se, trabalha-se, e ensurdecedoras. Pensa ele, talvez egoísta, agora até se pode frequentar esta merda. Vão até uma sapataria, há anos que ele deseja comprar uns sapatos que sempre lhe pareceram demasiado caros. Ei-los, mas o preço até subiu, paradoxalmente ou não, mais alguns euros. Não compreendo, não compreendo, diz ela. Não há nada para compreender, diz ele, como se acabasse de cometer um crime filosófico.

4/10/2012

LOGOCATAFORESE

Que bom, medita ele, poder-se pensar o que quer que seja, poder-se consentir que qualquer disparate se possa alojar na deriva do pensamento. Que bom! Sem se ter que fazer a tentativa de nos iludirmos com a precaução pretensiosa da lucidez. Ah, levar a cabo a responsabilidade de um irrespondível, trazer ao cimo, à tona, o que deseja fazer parte do real, da consciência. Que bom, ser da estupidez o seu elo, o seu laço, o seu traço mais fulgurante. Ele ri como um perdido. Ri como se o mundo não pudesse ser, por imbecilidade impotente dele próprio, um mundo. Achando contudo que a vida, se não fala, exige de quem vive uma prática sem compromissos, a acção inesgotável de feitos tornando-se factos, acontecimentos, ocasiões, e, por que não, abismos. Descidas. Quedas. Ah, o lodo! O amálgama! A caldeira onde a $\chi\acute{o}\rho\alpha$ eclodisse numa deiscência material, imanente, e, se possível, histórica. A história da humanidade seria possivelmente outra. Ri, quase comovido, do que se atreve a pensar que é um pensamento pensando-se, ri na abreviatura de uma breve e esporádica, provisória e improvisada solução. Que bom, que bom, cair na experiência de uma ilegível lei, de uma leitura incapaz de se coadunar com as razões do sentimento, do sentido. Não saber o que está a elucubrar. Não saber. Não ignorando porém os perigos de tal atitude. Mas às vezes há um desejo inesperado de loucura, ir ao fundo, ir ao fundo, sentir que a vida não é só um nascer e um morrer, sentir que há em haver um ser indiferente ao nada das dicotomias inefáveis, sentir-se ser sem agravos, e depois, mais calmo, mais sereno, sentir que não há nem nunca houve um fundo ou um cimo, um alto ou um baixo, mas apenas o horizonte do indelével acaso passando como um desvelo do incomensurável desafio, seja ele qual for. Para quê, pois, a resistência? Ir, pensa ele despedido, ir, soletrando alegremente cada passo que se dá, cada dia que se vive, sentindo tudo, o bem e o mal, a dor e o prazer, o amor e o ódio. Mas será possível, ao que quer que seja, auferir de qualquer poder?

4/10/2012

CONVERSAÇÃO CATACRÉTICA

Mas tens que compreender, e é para o teu bem que o digo, diz o amigo compulsivo, todos esses termos que empregas, que vens empregando ao longo dos anos, são apenas, como dizer, catacreses, aproximações verbais de uma realidade ou de uma noção ou de um conceito que procuras vivificar, dar, e desculpa-me o platonismo implícito, dar à luz. Trazer à língua. Que interessa, nesse sentido, a exactidão, a precisão, se estás no campo da hipótese, da possibilidade, da configuração, da proposta? Iludido na sua desilusão ele deseja contraditar, verdadeiramente, o que o amigo lhe concede. Mas como? Ouve-o com uma intensidade que o desfigura em cepticismos mais ou menos pessimistas. Por exemplo, explicita o amigo convicto, quando empregas termos como agnóia, e seus derivados. Pois claro, vão, os que forem, a um dicionário e descobrem que a palavra agnóia significa muito simplesmente o ‘estado dos doentes que não conhecem as pessoas que os rodeiam’. E ficam obstupefactos com a maneira, sem maneiras, com que usas o vocábulo. Enfim, pelo menos os palermas. Porque os curiosos (e o mundo é dos curiosos), com alguma coragem e um pouco de inteligência, quererão ir mais longe, à etimologia. E aí descobrem o que está em causa. Em certo sentido, ou melhor, em todos os sentidos, a ignorância, mas uma ignorância outra, uma ignorância que os poderá lançar para uma infinidade de significações. Repara. Conhecendo minimamente a tua obra, como poderão traduzir, interpretar, o lugar comum do dicionário? Ou, como diria o outro – ele olha-o admirado com tanta verborreia alucinante e lúcida –, ler o que, para dizer a verdade, nem sequer está escondido. A importância na tua vasta obra da doença, da ignorância, da humanidade, do mundo. Vê só: doentes, não conhecer, pessoas, rodeiam. E ele, que escutou o discurso com alguma dor, algum desconforto, não sabe o que dizer. Tenta proferir algumas palavras que coloquem a acesa opinião numa simetria de avaliações, mas não consegue. Pensa: não ser o mundo feito e povoado de amigos!

4/10/2012

ASTEREOGNOSIA

Como sempre fez quando o fez passa mãos pelos objectos do apartamento, sentir o seu corpo a matéria de que os dias são feitos, é a intenção. Uma mesa aqui, uma cadeira ali, uma cama aqui, uma mesinha de cabeceira ali, um sofá aqui, uma aparelhagem ali. Mas consegue? – é o que a dúvida lhe pergunta numa intromissão oblíqua e obtusa. Ou antes percebe-a, e sempre percebeu, como uma decepção, a distância injusta que o separa da presença do que é? Forma, mesmo se humana, rodeada de formas, a vizinhança é verosímil, mas que companhia? Senti-la sente-a apenas com a música. Sons tácteis tacteando seu corpo em disposições figurativas, como se o mundo fosse uma melodia. Como se o mundo fosse. Ali, sentado numa cadeira que já foi, há muito tempo, imemorial, e hoje nada mais é do que uma cadeira, ele descobre que não pode descobrir uma identidade em si próprio. O sentimento é de uma libertação absoluta. Ser sem ser. Estar estando. Ouvindo a música que percorre as dependências do apartamento com a energia de uma tonalidade afectiva. Sente nua a vida que o entrega ao acaso das vicissitudes de um impossível destino, e como isso é bom! Desaparecidas instituições de intuições, a alma, o espírito, o destino, como se defender da intrusão nefasta do sofrimento? Mitridaticamente, sem ceder a qualquer masoquismo, aceita que o prazer lhe traga em doses mínimas a dor, num paradoxal mecanismo de defesa. A decisão pragmática não tem sido muito eficaz. Mas houve, há e sempre haverá, enquanto viver, a tentativa. Fecha os olhos e põe uma mão casuística sobre o tampo da mesa contígua. Ser, dizem que há ser, dizem que há nada, dizem que apenas há há. Sorri do pensamento esdrúxulo, que lhe importa a ele, a ele que vive, o que dizem? Ah, não pertencer, verdadeiramente, a uma comunidade do homem. Isto é, dos homens e das mulheres e das crianças! Que monstruosidade o perturba? Não sentir o que porventura deveria sentir será uma forma, mesmo se mínima, de sentir? Ignora. E essa ignorância não é feliz.

5/10/2012

AGNOIALGIA

Seu corpo não sabe como ser humano, benéfico, altruísta. Dia após dia oferece-lhe, quase sadicamente, se for possível essa expressão neste contexto de uma simplicidade afectiva, cúmulos de dor, intercepções de mal-estar, a carnal miséria de uma presença indesejada. Ele luta quotidianamente contra a manifestação dos percalços que o alçam a metafísicas impróprias, a figurações mais do medo do que da angústia. Ser assim, admite, é uma perda de tempo. E no entanto, como se ctonicamente, ele ciciza numa mudez exaltada canções de esperança, imbuído de uma estranha alegria. Mas não saber o que se passa com o corpo é saber o que se passa consigo. E isso é terrível. Há dores vulgívagas que ferem a incompreensão, há vulneráveis esgares que se prostituem, há desvios corruptos da carne que o subsumem numa confusão de valores, mas a insalubre ignorância do que se passa é um passo para a loucura. Até quando resistirá ao mal? Esquecer, esquecer, diz a si próprio, mas como, se o aguilhão não é uma invenção teratológica ou imaginada? Consegue, mesmo assim, abrir-se num sorriso pacífico, um sorriso sem começo nem fim, dividido entre a estupidéz e a inteligência. O que será será. Às vezes pensa, quando medita na sua sorte, que algo aconteceu na abreviatura do acaso, que não há mistério no que há, que tudo se resume a químicas que passam de geração em geração num horror programado. Pais já foram filhos. Haver um corpo e uma carne. Haver uma ignorância doendo talvez ainda mais do que o que lhe é mais íntimo. Não haver intimidade. Mas apenas formalidades de preconceitos preconizando existências que não aderem ao real. A vida, diz ele em momentos imperecíveis, não é a vida. Algo se imiscui no que há, há um excesso incapaz de conceder o seu acesso. Saber que se ignora. Saber que compreender não passa de uma ilusão caridosa. O universo é tão diverso que não se deixa alcançar. A ignorância é a inteligência do que não saberia ser. Há amor, há prazer. Há um desejo inóspito, ultriz, de se acabar. Com quê?

5/10/2012

BATOLOGIA

Um sentimento estúpido, sentir, como ele julga que sente, que nada foi pensado no muito que ele quis sentir ao longo da sua vida. Pior, ele está convencido que não sabe o que é sentir. Às vezes, diante da televisão, vendo um filme, na fluidez de uma cena, escutando um diálogo, acontece-lhe que uma emoção o sacode num ritmado e sincopado choro, como se houvesse, al-gures na sua história, vivida ou imaginada, uma razão antecede-n-dente, uma cena verdadeiramente primitiva. Será isso, pergun-ta ele a si próprio, num decoro de uma vulnerabilidade sigilo-sa, sentir? O que acontece diante dos seus olhos será a mem-ória, abrupta e involuntária, de alguma coisa que lhe aconte-ceu num há muito de que não se lembra? Ou esse aconteci-mento, essa situação lhe é, sabe-se lá porquê, inata? Mas ele, é sabido, não acredita em reminiscências mais ou menos plat-ônicas. Não acredita na existência de outros mundos. Anteriores ou posteriores ao mundo em que nasceu, viveu, vive, e irá morrer. Ele não compreende, nunca compreendeu esses paroxismos emocionais. Essas vibrações corporais, essas subidas a si mesmo, ou mesmo, inventando uma outra disposição do sentido, a si outro, como lava de um vulcão quase sempre adormecido. Porém, refletindo com um vagar imperturbável, chega por vezes à conclusão que esse fenômeno não tem nada a ver com uma experiência vivida num remoto passado nem nada a ver com uma premonição chegada do futuro. Mas tem tudo a ver, incompreensivelmente, com a ideia de um desejo de mundo. De um outro mundo neste mesmo mundo. Como se essas imagens percebidas nesses filmes ocasionais e datados trouxessem nelas as estranhas manifestações de uma ausência fazendo tudo para se presentificar. Daí que, depois desses choros convulsos, a pergunta que se lhe oferece em espanto é sempre a mesma: Será que eu existo? Ou, formulada de uma maneira mais simples: Será que eu nada mais sou do que a presença enigmáticamente real de uma ausência irreco-nhecível e sem verdadeiro mundo?

8/10/2012

TERCEIRA PARTE

letras para serem musicadas*

LOGO

Logo, um pouco mais tarde,
telefonar-te-ei mais uma vez,
a vida não foge, a vida não arde,
logo, um pouco mais tarde, talvez.

Estou bem, fiz-me ao caminho,
o que decidimos teve que ser,
o trabalho é árduo, estou sozinho,
sentir-te nos lábios é um prazer.

A vida não foge, espero eu,
tu estás aí, tão longe e tão perto,
eu estou aqui, mas sempre teu,
deserto de dia, de noite desperto.

O tempo desflora geografias,
o tempo é um espaço insonoro,
pensa em mim, todos os dias,
pensa em mim, que te adoro.

Mais tarde ou mais cedo voltarei,
a vida sem ti não faz sentido,
o que sou já fui, o que sou serei,
ao lado de ti, à casa volvido.

Logo, ou um pouco mais cedo,
terei a alegria de ouvir tua voz,
eu, um rio correndo sem medo,
tu, como sempre, a minha foz.

8/10/2012

*Inspiradas pela música de Twiligh Hotel, Deer Tick, Neil Young, Soulsavers, The Pines, Bill Callahan, Mark Lanegan, Bob Dylan, Rocco Deluca, Leonard Cohen, Matthew Ryan.

DIZEM

Nós, que não sabemos sofrer,
nós que na crise perdemos tudo,
vemos os filhos sem ter que comer,
o mundo distante, surdo e mudo.

Dizem que há lei na democracia,
se a lei é isto e é mesmo assim,
nossas vidas são uma pura ironia,
nós nada mais que uma dor sem fim.

Nós, pobres e esfomeados,
pobres e esfomeados,
pobres e esfomeados, debaixo do céu.

Automóveis velhos são casas,
casas perdidas nas ruas da cidade,
tivéssemos nós umas grandes asas
capazes de nos levarem à eternidade.

Dizem que a justiça prevalece,
dizem que o tempo tudo cura,
nós incapazes de dizer uma prece,
nós muito perto de viver a loucura.

Tanta estrela no céu imenso,
tanta escuridão envolvendo a terra,
houve nas finanças um consenso,
onde acaba a paz e começa a guerra?

Pobres e esfomeados,
pobres e esfomeados,
pobres e esfomeados, debaixo do céu.

11/10/2012

PERDIDO E ACHADO

Perdido e achado no simulacro da cidade
levo na cabeça aturdida alguma verdade.
Passas célere por mim sem me querer ver,
a vida que abraças nada mais é que sofrer.

Perdido e achado no simulacro da cidade.

A noite substitui o dia quando abro o bar,
as ruas estão desertas e as horas a acabar.
Permaneces em casa na ilusão do abrigo.
Uma esquina da rua parece-te um perigo.

Perdido e achado no simulacro da cidade.
Perdido e achado no simulacro da cidade.

Passam as pessoas com as carteiras vazias,
outrora havia cerveja, sandochas, iguarias.
A pobreza do país nunca foi rica nem séria,
agora o bairro caiu na verdadeira miséria.

Perdido e achado no simulacro da cidade.
Perdido e achado no simulacro da cidade.

Ninguém sabe o que fazer da triste vida,
olha-se para o lado numa fugaz despedida.
A cidade pouco a pouco deixa-se dormir,
insónias de muita gente receiam o porvir.

Perdido e achado no simulacro da cidade.
Perdido e achado no simulacro da cidade.

Quem ri não chora? Quem chora não ri?
Perdidos e achados todos aqueles que vi.

11/10/2012

QUANDO ESTÁS TRISTE

Quando estás triste o mundo parece triste
e tu não sabes o que fazer, não sabes o que fazer
Eu posso contar-te a história de um sol
ou convidar-te para irmos vê-lo
O calor que dele emana é pura luz
nós balançaremos no delírio que ele produz
balançaremos no delírio que ele produz
Não te vou dizer o que fazia antes de te conhecer
penso de mim o que tu pensas de ti
olhando para o sol onde nada vejo do que vi
Acredita que há sempre algo a fazer
e acredita em ti quando o sol te acaricia
há momentos especiais da vida
em que não se sabe que se sabia
Não te vou dizer o que fazia antes de te conhecer
A vida é um enigma, vivia do seu espanto
Hoje tento perceber o que me acontecia
não sabia o que fazer e o fazer não me sabia
Por isso ao ver-te nesse desatino
ousei convidar-te para vermos o sol
Sentimos o sol nos nossos corpos afogeados
nossos corpos dois sexos no tempo achados
num tempo perdido na sua própria luz
Deitados na areia da praia deserta
a voz do mar dilui-nos e desperta
Não te vou dizer o que fazia antes de te conhecer
nem o que sinto por estar aqui contigo
Falas-me de lugares onde ainda não vivi
sei que tarde ou cedo o lugar é junto de ti
É tempo de se acabar com o castigo
Acredita que há sempre algo a fazer
amar alguém que nos ama e deseja viver
A vida é para quem nunca desiste
A vida é para quem nunca desiste

15/10/2012

COMO AS GAIVOTAS

Há memórias nos mares se souberes vê-las
Há histórias nas águas se souberes lê-las
Há mulheres nesta terra que pensei amar
mostraram-me a doçura na ressaca do mar
Ensinaram-me a sentir a terra redonda
Ensinaram-me a ser o remoinho da onda,
a percorrer os ares como as gaivotas
como as gaivotas, como as gaivotas
como as gaivotas, como as gaivotas
As gaivotas esvoaçam no azul do céu
Seus gritos são de alegria ou de tristeza?
Quem sabe o que dizem, quem tem a certeza?
São asas brancas fendendo o azulado véu
Ondulações de penas eclipsando o olhar
Dizer que as amo é uma maneira de voar
como as gaivotas, como as gaivotas
como as gaivotas, como as gaivotas
Há histórias nos mares se souberes lê-las
Há memórias nas águas se souberes vivê-las
Mulheres que conheci passaram por mim
como se eu não existisse nem elas também
Poderei pensar que nelas conheci o fim?
Será tão difícil distinguir o mal do bem?
Que poderei dizer das gaivotas que giram
na liberdade dos céus sem que os firam?
Pensar que estou vivo é sentir que plano
como as gaivotas, como as gaivotas
como as gaivotas, como as gaivotas
Há mulheres na terra que me souberam
amar, foram o que foram, eram o que eram
Ensinaram-me a candura de um olhar
Não eram gaivotas mas sabiam voar
como as gaivotas, como as gaivotas
como as gaivotas, como as gaivotas

15/10/2012

MOSTRA-ME O CAMINHO

Junto folhas de árvores amarelecidas
caídas no chão do Outono
Vejo a solidão do céu despovoado
pelo sol que desertou a terra
Ouço o silêncio do campo deserto
quando passo pés pelas ervas
Sinto que estou um pouco atordoado
e que tudo o que faço me aterra

Mostra-me o caminho, mostra-me o caminho
mostra-me o caminho para chegar a ti

Parece que a morte me acompanha
e penso que não penso mais nada
Ninguém me pode ajudar agora
e preciso tanto de uma mão amiga
Ignoro o que fiz da minha vida
Se compreendi ou não o mundo
Será possível que uma nova aurora
me traga à vida e não me desdiga?

Mostra-me o caminho, (refrão anterior)

Não sou uma pessoa perfeita
e não sei nem tenho para onde ir
Cada dia é um sofrimento inútil
e cada hora só me traz tristeza
Se pudesse ser pássaro sê-lo-ia
Se tivesse alguém tudo seria diferente
Assim tudo, tudo me parece fútil
Um mundo sem amor, sem beleza

Mostra-me o caminho, mostra-me o caminho
mostra-me o caminho para chegar a ti..., amor

16/10/2012

SER GENTE

Ninguém diz nada com nada, ninguém se quer comprometer
Todos pensam que vão escapar, pensando que vão sobreviver
O mundo desfaz-se em países que não sabem como respirar
Há exigências da fiduciária finança exigindo dívidas a pagar

As pessoas sentem a solidão como um destino destruído
Olham umas para as outras como se a vida fosse um fado
Perdidas gritam e gemem incapazes duma acção inteligente
Ignoram como viver a vida, como voltarem a ser gente

Passam pela cidade vultos avulsos, dores que não comovem
Os políticos entretidos com contas, as dores não os demovem
Pensam que a verdade é só uma, que têm que salvar o país
Esquecem-se de quem foi a culpa, como mudar tudo de raiz

A televisão preocupa-se em contar histórias do dia a dia
Ganham dinheiro com o espectáculo, com a cacofonia
Fazem de conta que há notícia no alienado sofrimento
Vivem das imagens obscenas que propagam o desalento

Há no capital muitas actividades, há muitas contradições
Poucos estão atentos ao que se passa, poucos tiram lições
Muitos dizem mal da sorte, do destino, de quem mente
Ignoram como viver a vida, como voltarem a ser gente

16/10/2012

(Repetir o texto duas vezes. Ou escolher uma estrofe para servir de refrão. A liberdade é total. Nesta e nas outras letras.)

FOGOSO SOL

Agora a luz faz-se tempo

Fogoso sol, cego clarão
sinto-te vibrar na minha mão
Fogoso sol
perdido no céu
sinto-te no corpo
como um sedoso véu

Amor, sente o calor
do fogoso sol
iluminando a terra
Agora a luz faz-se tempo

Fogoso sol, forte abraço
vindo de cima, do espaço
Fogoso sol
no céu distante
és uma fonte
sempre brilhante

Amor, sente o calor
do fogoso sol
iluminando a terra
Agora a luz faz-se tempo

Fogoso sol, sê o meu berço
tu és a vida, o meu começo
Fogoso sol
perdido no céu
sinto-te no corpo
como um sedoso véu

18/10/2012

TENTAÇÃO

A noite escura não se desfaz.
O frio lento cobre-me a alma.
O vento cruel não me traz paz.
Meu corpo nunca se acalma.

Perdido(a) no que não sei dizer,
procuro nos dias a salvação.
O corpo não sabe o que fazer
quando tento fugir à tentação.

Jornais efémeros voam na rua,
estilhaços do mundo são vastos.
A doença que me corrói actua.
Viver assim deixa-me de rastos.

Recordo bem quem fui outrora,
a criança que brincava e era feliz.
Agora nunca mais chega a aurora,
ignoro ainda porque fiz o que fiz.

A vida é um inexorável mistério.
Penso na imortalidade da morte.
Não sei se existe um refrigério
para este cruel destino da sorte.

Perdido(a) no que não sei dizer,
procuro nos dias a salvação.
O corpo não sabe o que fazer
quando tento fugir à tentação.

18/10/2012

TODOS NÓS

A manhã brilha num estranho esplendor
Vou a caminho do hospital, desfeito(a) em dor
Carros passam na auto-estrada furibunda
Sons de pneus onde a pressa abunda

Vamos, vamos, vamos, vamos todos
Todos nós, todos nós, todos (2x)

Na azáfama do hospital a luz branca diz tudo

O calor condicionado arde nos corredores
Quartos cheios de gemidos, de ais, de dores
Na cama estarecida jaz o perdido amigo
Tarde ou cedo o mesmo vai acontecer comigo

Vamos, vamos, vamos, vamos todos
Todos nós, todos nós, todos (2x)

Desculpa-me este desabafo, esta voz intrusa

A manhã brilha num estranho esplendor
Saio triste do hospital, desfeito(a) em dor
Carros passam na auto-estrada furibunda
Sons de pneus onde a pressa abunda

Vamos, vamos, vamos, vamos todos
Todos nós, todos nós, todos (2 ou 3 ou mais x)

19/10/2012

NÃO POSSO MAIS SENTIR

A vida parece-me ter desaparecido
As direcções do mundo estão trocadas
Tudo é estranho, tudo é desconhecido
Não compreendo as cartas baralhadas
Não posso mais sentir

Que foi feito de mim, que foi feito de mim?

Olho para ti e não percebo o teu olhar
Vejo na tua voz a alegria de estares bem
Sei que me amas mas não te sei amar
Não sei como não percebes este vaivém
Não posso mais sentir

Que aconteceu para não reconhecer o amor?

Canta-me uma canção que me seduza
Abraça-me na desmedida dum desejo
Não percebo a razão desta dor intrusa
Não sinto o calor húmido do teu beijo
Não posso mais sentir

19/10/2012

TUDO DEU EM NADA

Meu coração ciumento não te deixava viver
A tua vida era um inferno
Eu não podia perceber nem conceber
que tu fosses um ser livre
Agora que tu partiste
o meu coração não resiste

Tudo deu em nada, tudo deu em nada

Para te possuir tinha que construir uma prisão
Tu sofrias com tudo isso
Não havia para o ciúme nenhuma razão
Havia apenas uma doença
Tinha tudo para ser feliz
Perdi minha vida com o que fiz

Tudo deu em nada, tudo deu em nada

19/10/2012

(Repetir duas vezes, pelo menos.)

SEJAS QUEM FORES

Sejas quem fores, diz-me o que fazer
Sejas quem fores, mostra-me o bem e o mal
Sejas quem fores, faz-me querer viver
Sejas quem fores, não sejas o meu rival

Sejas quem fores, faz-me desejar alguém
Sejas quem fores, introduz-me na tua casa
Sejas quem fores, não me deixes aquém
Sejas quem fores, não me queimes na brasa

Minha vida é uma perpétua interrogação
Um sussurro de nada, um nada mortal
Um ir e vir sem controlo nem direcção
Minha vida despede-se numa dor abissal

Onde estou não há estrada nem caminho
O céu flutua no horizonte, ponte inútil
A terra vibra sem som, sem um carinho
Em redor um deserto, um silêncio fútil

Sejas quem fores, dá-me o calor inocente
Sejas quem fores, olha-me nos olhos doridos
Sejas quem fores, aceita o meu presente
Sejas quem fores, não desprezes os perdidos

Sejas quem fores, diz-me como sobreviver
Sejas quem fores, liberta-me do desalento
Sejas quem fores, traz-me paz, faz-me erguer
Sejas quem fores, entende o meu tormento

Sejas quem fores
Sejas quem fores
Sejas quem fores

26/10/2012

DESMENTIDO

Não há culpa nem castigo.
O que fizeste é um desmentido
de uma qualquer consciência.
Não há culpa nem castigo.

Sei que sabes quanto amei,
sei que sabes o que desejei.
Ter uma casa compartilhada,
não ver na vida uma cilada.

Sofro a dor dum vago vazio.
Sofro sobretudo o desvario
de quem conheceu alguém
indiferente ao mal e ao bem.

Não há culpa nem castigo.
O que fizeste é um desmentido
de uma qualquer consciência.
Não há culpa nem castigo.

Onde estás é um passado.
É um sofrimento estagnado.
Para onde foste não há lar.
Nada agora se pode mudar.

Não me sinto bem nem mal.
Sinto que a vida em geral
não cumpre o estabelecido:
ser-se humano desde o vagido.

Não há culpa nem castigo.
O que fizeste é um desmentido
de uma qualquer consciência.
Não há culpa nem castigo.

26/10/2012

HOMENS E MULHERES

Eu vejo o mundo sem mesmo olhar.
Uma cidade desvendada pela janela,
automóveis passando nas ruas sujas.
Meu olhar imagina uma outra tela,
o mar sucumbindo ao ardor da praia.
Mas o mundo não é uma novela.

Não sei o que vai ser de amanhã.
Ignoro as voltas que dá o mundo.
Vejo pessoas que passam velozes,
fogos expostos à raiva dum segundo.
São pesadelos mais reais que o real,
a janela perdida num sol profundo.

Não deveria pensar em cataclismos.
Deveria ter esperança na humanidade.
Mas quando se atinge a minha idade
a experiência do mal dá-nos abismos.

A janela desfaz-se no clamor vizinho.
Homens e mulheres gritam um alerta.
Não é possível o que é possível,
será possível no céu uma aberta?
Nuvens escuras sobre a cidade velha,
o que se passa na cidade incerta?

Eu vejo o mundo da janela estreita,
um sentimento de medo é um receio.
O dinheiro não dá mais que a ilusão.
O mundo perde para sempre o seu seio.
Homens e mulheres sem liberdade
nunca serão mais do que um meio.

26/10/2012

UM BÁLSAMO

Teu rosto é um mundo desconhecido
Um planeta incompreendido
girando no espaço

Tua voz corre veloz pelo ar ameno
Transmite um desejo sereno
Faz de nós humanos

Espero o que ignoro
Abro-me poro a poro

Tu és um bálsamo para o sofrimento
Tu és um sorriso distribuindo alento

Teu cabelo é um pequeno oceano
Uma praia no clima urbano
abeirando-se do sol

Tuas mãos são duas asas joviais
Voos imensos e inaugurais
acenando de longe

Tu és a alegria de qualquer coração
Tu és a porta que leva à compaixão

Espero o que ignoro
Abro-me poro a poro

Tu és um bálsamo para o sofrimento
Tu és um sorriso distribuindo alento
Tu és um bálsamo para o sofrimento
Tu és um sorriso distribuindo alento

27/10/2012

ÀS VEZES

Fiz-te mal, fiz-te mal?
Diz-me a verdade,
pois só desejo o teu bem.

Fiz-te mal, fiz-te mal?
Diz-me a verdade,
pois só desejo o teu bem.

Tantas coisas que se fazem ou dizem
Palavras que ferem a sensibilidade
Palavras que saem e se desdizem
Tantas coisas que não são verdade

Fiz-te mal, fiz-te mal?
Diz-me a verdade,
pois só desejo o teu bem.

Às vezes sou tão brusco e imprevisto
Trago em mim um insuportável desdém
Penso que a vida não pode ser só isto
Faço sofrer aqueles que me querem bem.

Mas só contigo posso viver e respirar
Sentindo em ti uma constante emoção
Dizes-me que a vida é um ambíguo mar
Acredito em ti como a única revelação

Fiz-te mal? Fiz-te mal?
Diz-me a verdade,
pois só desejo o teu bem.

Desculpa se te feri,
Tu és tudo para mim.
Por ti vivo, por ti vivi.

27/10/2012

A FAMÍLIA

A família é tudo na vida.
Pai e mãe, esposa(o) e filhos.
Um olhar que nos convida.
Uma sequência de brilhos.

Irmãos e irmãs, sobrinhos
e cunhados, a família certa.
Quem não quer os carinhos
de um bem que nos liberta?

Mas lá fora há um mundo,
guerras que grassam aflitas,
ecos de um grito profundo,
intenções más de parasitas.

A esperança é uma dança
de contradições insuspeitas.
Desejar-se numa mudança
alargar a família, sem seitas.

O que há mais são famílias,
homens e mulheres mudos,
sós em inexoráveis vigílias,
refugiados em vãos escudos.

Pois lá fora há um mundo,
guerras que grassam aflitas,
ecos de um grito profundo,
intenções más de parasitas.

27/10/2012

AMOR E ÓDIO

Quando cantas sobre o bem do amor,
é um prazer ouvir-te cantar.
Sabes dizer com palavras de fervor
o desejo humano de amar.
Quando cantas o prazer de se viver,
é contigo que se quer estar.
Insinuas uma alegria que faz comover,
que faz toda a gente sonhar.

Mas quando cantas o amor,
esqueces-te sempre do ódio. (2x)

O ódio que nos corrompe os dias,
que destrói as coisas boas.
A rotina de horas sem alegrias,
as frustrações das pessoas.
Cantas como se não fosse verdade
a verdade que nos consome.
Sermos a bondade e a maldade,
presas de uma estranha fome.

Pois quando cantas o amor,
esqueces-te sempre do ódio. (2x)

O amor e o ódio são dois afectos
que existem em cada um.
Quando somos seres completos,
sermos dois é que é comum.
A vida ama o que ama, a morte
não deseja mal a ninguém.
Quando cantas ignoras a sorte,
e o amor não é só um bem.

Quando cantas o amor,
esqueces-te sempre do ódio. (2x ou mais)

3/11/2012

UM CORPO

Que estúpido que fui, que imbecil
Que estúpido ter acreditado em ti
Não ter compreendido imediatamente
o teu estranho olhar quando te sorri

Que estúpido que fui, que imbecil
ao pensar que em ti estava a verdade
Tu nada mais foste que um corpo
Um corpo devorado pela crueldade

Tantas e tantas cidades percorri
na esperança de encontrar alguém
Alguém que fosse mais do que o corpo
que te prende a ti e a mais ninguém

Que estúpido que fui, que imbecil
ao pensar que tudo seria diferente
Ter-te nos braços para a eternidade
Tu e eu num amoroso frente a frente

Não sei mais o que fazer da vida
Não sei como desvendar seu mistério
Quando penso que acho uma saída
descubro sempre que nada é a sério

Tantas e tantas cidades percorri
na esperança de encontrar alguém
Alguém que fosse mais do que o corpo
que te prende a ti e a mais ninguém

Que estúpido que fui, que imbecil
ao pensar que em ti estava a verdade
Tu nada mais foste que um corpo
Um corpo devorado pela crueldade

3/11/2012

CARO AMIGO

Caro amigo,
não me venhas pedir dinheiro agora,
sei que estás à rasca mas a culpa não é minha.
Não fui eu que viajei por esses mundos fora,
não fui eu que gastei o que tinha e o que não tinha.
Lembra-te que a amizade não é um ardil,
lembra-te dos teus sorrisos quando te avisei.
Não faças agora de mim um imbecil.

Caro amigo,
vê se compreendes com a cabeça fria,
a necessidade que sentes é a mesma que sinto.
Só que eu poupei o dinheiro que podia,
sabendo que o futuro é um labirinto.
Tu tens família e eu família tenho,
não posso tirar à minha o que falta à tua.
Para se viver precisa-se de algum empenho.

Caro amigo,
pena que não te possa ajudar neste momento,
fizeste o que fizeste sabendo o que fazias.
Agora não é tempo para soluçares um lamento,
agora é tempo para te deixares de euforias.
Há tanto que fazer, tanto que pensar,
pensa na tua vida com um novo alento.
Há sempre uma solução quando se quer mudar.

5/11/2012

DESESPERO BLUES

Passos irrepitíveis soam no ar cristalizado
Passos irrepitíveis soam no ar cristalizado
Olhos vazios de ninguém
encontram-me abandonado

Há uma atmosfera que perdura no horizonte
Há uma atmosfera que perdura no horizonte
Não vejo nenhum rio passando
nem vejo nenhuma ponte

Onde estou é um acaso perdido na ocasião
Onde estou é um acaso perdido na ocasião
Quisera saber o que faço
quando desespero de emoção

Se houve um passado feliz tudo se apagou
Se houve um passado feliz tudo se apagou
Vagueio de rua em rua
sem saber para onde vou

Visões da realidade intrusa fazem-me medo
Visões da realidade intrusa fazem-me medo
Sei que vou morrer
mais tarde ou mais cedo

O mundo desaparece na nudez do meu olhar
O mundo desaparece na nudez do meu olhar
Alguma vez realmente vivi
para poder amar?

Gritos de quem me fiz dão-me a crueldade
Gritos de quem me fiz dão-me a crueldade
Que estupidez a minha
desejar um dia a verdade

6/11/2012

MIÚDA

Não sei o que se passou comigo quando te vi,
Diz-me, miúda, se já viveste o que eu vivi?
Estou de passagem como sempre estarei,
Que viste pois em mim que eu não sei?
Dás-me um sonho à procura de um futuro,
Dás-me no teu olhar um sorriso quase puro.
Que queres de mim quando falas de amor?
Sofreste alguma vez uma dor maior que a dor?
Pápárátátará (4x)

Não virei aqui mais do que uma vez ou duas.
Não conheço muito bem todas estas ruas.
Diz-me, miúda, o que pensas fazer de mim?
Vagueio entre universos que não têm fim.
As noites não são só de álcool e de dança,
Teus olhos às vezes dardejам uma lança.
A vida é um balanço entre morrer e viver,
Diz-me, miúda, sabes o que estás a fazer?
Lembrar-me-ei de ti na próxima viagem
Palavra a palavra, imagem a imagem
Pápárátátará (4x)

Lembrar-me-ei de ti na próxima viagem
Onde quer que esteja, onde quer que vá
Palavra a palavra, imagem a imagem
Palavra a palavra, imagem a imagem,
Imagem a imagem...
Pápárátátará (4x)

6/11/2012

BEM-VINDOS, CAROS AMIGOS

Imagino quantas estradas vos foram poeira,
quantas decisões não tiveram que ser tomadas,
imagino aflições sofridas de uma ou outra maneira,
dores que não se perdoam nas pessoas amadas.
Venham pois descansar nesta casa que vos espera,
venham descobrir a paz que não existe lá fora,
sentir a amizade que em alguns ainda impera,
mas longe daqueles que não acreditam na aurora.
Dizem que os ricos amam os pobres, é verdade,
sem eles nunca seriam ricos em ouro e crueldade.
Dizem que o mundo é uma perpétua guerra,
dizem que sempre será assim nesta velha terra.

Façamos pois o que temos que fazer, deixar de ser
as vítimas da loucura alheia, as vítimas do poder
que lança as suas garras sobre os mais indefesos.
Façamos da nossa fraqueza imensos sóis acesos,
sociedades que sejam livres e verdadeiros abrigos.
Bem-vindos, caros amigos, bem-vindos, caros amigos.

Dói ver o que vai de miséria pelo incrédulo planeta,
o choro daquela mãe segurando o filho pela teta,
incapaz de compreender o que lhe está a acontecer.
Dói ver que ninguém se importa com um dever
que poderia do bem fazer uma outra humanidade,
dói ver que poucos desejam no fundo a igualdade.

Façamos pois...(repetir toda a estrofe)

Façamos da nossa fraqueza imensos sóis acesos,
comunidades de países que não queiram estar presos,
sociedades que possam ser inestimáveis abrigos.
Bem-vindos, caros amigos, bem-vindos, caros amigos.

6/11/2012

DESPEDIDA BLUES

Tarde de domingo no aeroporto de Lisboa
Tarde de domingo no aeroporto de Lisboa
Querida, muita gente ainda diz
que a vida é boa

Centenas de pessoas povoam o aeroporto
Centenas de pessoas povoam o aeroporto
Querida, todos nós precisamos
de uma a porta ou de um porto

Sobem no céu obscuro aviões apressados
Sobem no céu obscuro aviões apressados
Querida, hoje como ontem
sempre houve condenados

Uma luz imensa ilumina a sala de espera
Uma luz imensa ilumina a sala de espera
Querida, espero que saibas
o que te espera

Dizem que a vida é um medonho estigma
Dizem que a vida é um medonho estigma
Querida, quem não sabe
que a vida é um enigma?

Vais tentar a sorte noutra parte do mundo
Vais tentar a sorte noutra parte do mundo
Querida, não te esqueças de mim
agora que toco o fundo

Vou ter contigo logo que a vida me permita
Vou ter contigo logo que a vida me permita
Querida, sem ti ao meu lado
a vida seria uma desdita

6/11/2012

QUARTA PARTE

MEMÓRIA DO PRESENTE

É o título do primeiro livro que escrevi. Livro que apareceu decepado, por razões meramente tipográficas, de uns treze ou mais textos. Mas não importa. O importante é tentar descrever o que o título encerra. Escrito em 1967/68, foi preciso, nos anos 80, quando vivia nos Estados Unidos, ter a felicidade de encontrar no livro de Paul de Man, *Blindness and Insight*, um ensaio que me deixou numa perplexidade hermenêutica e heurística indisfarçável. Chama-se esse ensaio “Literary History and Literary Modernity”. Vou traduzir a parte que tem muito a ver com alguns aspectos da Porética, entrecortando-a com comentários da minha lavra. A tradução, sempre rápida e um pouco, talvez, fantasiosa, poderá deixar muito a desejar. Mas espero que o essencial seja transmitido. Diz assim: Como se pode ver no famoso ensaio sobre Constantin Guys, “Le peintre de la vie moderne”, o conceito de modernidade de Baudelaire está muito perto do de Nietzsche no seu segundo *Unzeitgemässe Betrachtung*. Advém de um sentido agudo do presente como um elemento constitutivo de toda a experiência estética:

O prazer que usufruímos da *representação do presente* (la représentation du présent) não se deve somente à beleza que isso possa manifestar, mas também da essencial “presentificação” do presente.

O paradoxo do problema está potencialmente contido na fórmula “représentation du présent”, que combina um modelo repetitivo com um instantâneo, sem uma aparente consciência da incompatibilidade. No entanto esta tensão latente governa o desenvolvimento de todo o ensaio. Baudelaire permanece durante todo o ensaio fiel à sedução do presente; a consciência temporal está, para ele, de tal maneira ligada ao momento presente, que a memória aplica-se mais naturalmente ao presente do que ao passado:

Mergulhando no passado (*aquele que acha determinante o seu estudo*) ele pode muito bem perder a memória do

presente (la mémoire du présent). Abdicará dos valores e dos privilégios oferecidos pelas circunstâncias actuais, pois quase toda a nossa originalidade deriva da marca que o tempo imprime às nossas sensações.

A mesma ambivalência temporal impele Baudelaire a ligar qualquer evocação do presente com termos tais como “répresentation”, “mémoire”, ou mesmo “temps”, todos abrindo perspectivas de distância e de diferença dentro da aparente “uniqueness” do instante. No entanto, também a sua modernidade, tal como a de Nietzsche, é um esquecimento ou uma supressão da anterioridade. (...)

Todas estas experiências de mediação ligadas com a sua negação implícita, tentam combinar a abertura e a liberdade de um presente cortado de todas as outras dimensões temporais, do peso do passado assim como da preocupação do futuro, com um sentido de totalidade e completude que não poderia ser alcançado se uma maior e alargada consciência do tempo não estivesse também envolvida. Assim, Constantin Guys, que serve de símbolo para a atitude poética, é uma síntese curiosa de um homem de acção (isto é, de um homem do momento) como um observador e uma testemunha de momentos que estão necessariamente associados dentro de uma mais ampla totalidade. (Há, neste aspecto, uma pequena diferença entre a concepção poética de Baudelaire e a minha, ou até não haja, lidos os parágrafos seguintes, quando eu afirmo que a acção não pressupõe um homem de acção como é comumente compreendido, mas que a própria escrita é uma praxis e não uma poiesis, embora compreenda que esta atitude possa merecer dos leitores o mesmo reparo que Paul de Man faz a Baudelaire quando fala de paradoxo e de incompatibilidade inerentes ao pensamento baudelaíriano.)

(...) A descrição da sua técnica (que Baudelaire vê no pintor em questão) oferece talvez a melhor formulação desta combinação ideal do instantâneo com um todo completo, de um movimento fluido com a forma – uma combinação que determinaria uma reconciliação entre o impulso em direcção à modernidade e a exigência da obra de arte em alcançar a duração. (Não sei se valerá a pena elucidar o desprevenido leitor que termos como modernidade, por exemplo, deixaram de fazer qualquer sentido na minha obra. O termo mais apropriado e utilizado é

o de contemporaneidade, o que não é, obviamente, a mesma coisa que modernidade. Aceito, neste contexto, parte da expressão “obra de arte”, retirando-lhe a *arte* e mantendo a *obra*. No passo seguinte terei que fazer algumas reformulações, para que o estudo de Paul de Man possa fazer algum sentido com o que penso que é a memória do presente – nem sempre coincidente com a de Baudelaire.) A pintura (o livro porético) permanece firmemente em movimento e existe na maneira aberta e improvisada de um esboço (rascunho) que é como um constante novo começo. O acabamento final da forma, constantemente adiado (no livro porético não há acabamento, mas um corte materialmente radical que, determinado pelo acaso, pelas circunstâncias, impede qualquer vocação teleológica do mesmo), ocorre de tal maneira rápida e subitamente que esconde a sua dependência dos momentos prévios na sua instantaneidade precipitada. Todo este processo tenta ultrapassar o tempo, realizar uma firmeza que transcenderia a oposição latente entre acção e forma (concordo com esta formulação, porque a memória do presente poderá significar, entre outras coisas, que me levariam mais longe, a coincidência entre a acção – o presente – e a forma –, isto é, a memória.)

(...) De outra maneira, a literatura (a porética) pode ser representada como um movimento e é, em essência, a narração ficcional deste movimento (não tem sido por acaso que em vários livros meus afirmo a mesma coisa).

E é assim. Já agora, e como curiosidade, sinto quase a necessidade (outrora dir-se-ia) incoercível de apresentar um desses textos que não foram publicados no livro. Trata-se, uma vez que Baudelaire se serviu no seu ensaio de um pintor, de uma colagem (bem à maneira modernista) que fiz de um texto, ou vários textos, não me lembro, de uma ou várias críticas de arte plástica. Não faço a mínima ideia se o termos propriamente utilizados nos anos 67/68 ainda fazem algum sentido.

41.

Amo o branco em relevo da precisão oriental
com o cinetismo polaco a mijar na impulsividade;
o engulho alopécico da pop-art fosforescente
no lodo ígneo de um construtivismo danado.
Amo o rigor abiófilo das relações espaciais
na dúctil abstracção de um incómodo cenário;

o nidor côncavo da sensibilidade policroma
na sempre eterna dualidade de todas as coisas.
Amo em gredelém a euforia renovadora e cristal
do poder encantatório das imagens polidas
ao som fantástico de uma intuição poética,
com o afresco da enérgica persuasão plástica
no plaino de um coccíneo jogo de superfície,
laivada com desamor no traço vigoroso e cruel
do verde filho da inconsciência fútil e lábil,
quando a placidez idiosincrática se identifica.
Amo o círculo conceptual da realidade tangível
na ingenuidade interpretativa e filosófica
do delírio febril e inovador de um futurismo.
Amo a cerimónia da confusão caótica e pânica
no concerto falhado de uma macróbia miniatura,
quando a nostalgia da integração pictórica
mascara a nulificação dos objectos insípidos.
Amo o panejamento aveludado da imaginação
devido ao torso icástico da forte mulher nua,
na muralha de ouro de reduzida espessura
que a escatologia esbelta de um ritmo lento
propaga à montagem intimista de um suspiro.
Amo o imo do princípio da necessidade interior
com a forma bicuda de um azul de bordos
curvos tauxiado na agressividade feérica
do figurativismo, cuja capacidade de sedução
ablutora é pornográfica cotejada com o hierático
simplismo do fauvismo (segundo o crítico).
Amo a abertura aliveloz para o espaço ilusório
sobrevoando o medo criador da ânsia algemada,
com a poesia da incerteza no galope da ideia,
quando a terra e o céu fazem batota com o homem.

O “presente da memória”, que se afirma agora, é uma misteriosa combinação de possibilidades e de trocadilhos que não vou alicerçar em convenções mais ou menos estéticas e, muitas vezes, pretensamente filosóficas.

14/11/2012

VIOLÊNCIA E NADA

Vários amigos meus, em ocasiões dispersas, me questionaram da razão por que coloco no fim dos meus livros não o acervo dos livros já publicados, ou não só, mas também os títulos de livros que ainda não vieram à luz do dia, como se, intimamente, duvidassem que eles existem. Ou como se se propusesse nessa presença uma espécie esotérica da ideia que se faz do fantasma. Esta é a grande oportunidade de infiltrar alguns dos textos que os compõem. Escolho pois quase ao acaso um deles, retirado do livro *Violência e Nada*, de 67/68. O que é, verdade seja dita, uma maneira, em nada sub-reptícia, de preencher este livro com matéria verbal que não me obriga a ter que inventar agora qualquer coisa de novo. Moral da história, o passado também pode ser uma novidade. Pelo menos no meu caso. Ei-los:

8.

Quem me sabe dizer o que é a arte?

Quem o sabe dizer?

Por isso, caro zoilo estereotipado,
por que motivos palpáveis e coerentes
apontas no meu quadro frustrado
defeitos que podem ser qualidades?

Quem te disse que a má técnica é erro,
ou que duas pinceladas extravagantes,
com duas não menos extravagantes tonalidades,
é imperfeição na escala de valores
que a arte não tem?

Quem te afirmou peremptoriamente
que este poema é mau,
por isto ou por aquilo,
porque não tem rima,
não tem estética,
não tem ritmo,
não tem absolutamente nada excepto palavras?
Compreendes por que vomito arte
com o mesmo à-vontade com que tu,
se és normal,

defecas a horas certas,
uma vez que educaste o teu corpo?
Atinges agora o procedimento desdenhoso
que brindo à crítica humana?
Só deus poderia livrar-nos do um impasse,
mas deus não existe,
tu o mataste.

Engraçado como, premonitoriamente, este texto introduz já aquilo que viria a ser um dos pilares da estética da imperfeição, por sua vez um pilar da Porética. Engraçado também como nesta altura a escrita estava mais próxima da pintura do que da música, seguindo a tradição ocidental. A temporalidade atinge a sua consciência, penso eu, a partir dos livros escritos nos Estados Unidos, nos anos 80.

Outro exemplo:

38

Noite de sentido diurno,
com o silêncio de uma espaço sideral
onde o banal
da existência de hoje
canta as mesquinhas superiores
de um fétido futuro longínquo.

Que seria do homem sem o futuro?

Escarro doloroso de um vômito de sangue
periodicamente ejaculado
através da placidez nocturna de um desejo.

Em todo o pensamento
coexiste um ávido beijo
e muito mau hálito.

Chamem os varredores dos papéis frustrados...
O dia foi fértil em esperança.

15/11/2012

SUOR DO TÉDIO

O que eu sofri por causa deste livro! Não pela sua possível mediocridade, mas pelas gralhas que o desfearam irremediavelmente. Ou, melhor ainda, pelas palavras que não dominava na minha ortografia um pouco regional, mais sonora do que visual. O mesmo engulho sofri-o mais tarde, mas dessa vez tratava-se mesmo de gralha. Falo do livro *O Romance Contemporâneo*, onde Goethe aparece completamente desfigurado no inexpressivo e imperdoável Gothe. Isto no romance talvez mais revolucionário (se a palavra ainda faz algum sentido!) do século XX português, por razões que não são agora pertinentes elucidar ou discutir. Mas o livro que ganha a todos no que respeita a gralhas, ao ponto de se ter colocado no fim uma folha contendo a lista de correções, foi sem dúvida o intitulado *75 Sonetos*. Um desastre irremeável. Não é que esteja agora ainda imune a este fenómeno ortográfico. Sempre escrevi, mas agora corrijo-me, *réstea* em vez de *réstia*. É a oreilha que me atraiçoa, a mim, músico que gostaria de ser, se a vocação fosse realmente um facto. Mas não só. Também a ignorância fecunda da língua portuguesa. Por exemplo (voltando ao S. do T., texto 1): no passo “ressumem a um sinal tredo”, deveria constar “ressumam um sinal tredo”. O verbo não é um *ressumir* inexistente, e, de qualquer modo, ressumar não tem regência. A grafia “caquético”, erro muito comum na época em que escrevi o livro, deveria ser “caquético”, segundo o dicionário, mas talvez os acordos recentes concernindo a língua portuguesa lhe tenham retirado, temporariamente, já que nada há de definitivo, esse cê maldito. No mesmo texto, ainda irrompe um incrédulo “estrépido” por “estrépito”. Mas basta de tanta desgraça. Falemos agora do título do livro. Sempre o achei demasiado baudelairiano. Aquele tédio, infelizmente salazarento para a minha jovem pessoa, poder-nos-ia remeter para o século XIX de um mais ou menos deturpado *spleen* inglês invadindo a língua francesa. A achega que lhe imprimi, o suor, é contudo da minha lavra. Nele introduzo a fisicalidade da pele, dos poros, da Porética *avant la lettre*.

15/11/2012

TRUÍSMOS E CURIOSIDADES

Percebida a vocação desta parte do livro, a empresa de o escrever torna-se agora muito mais fácil. Dar a conhecer exemplos de textos que circulam num silêncio expectante em livros não menos esperados. Por quem? Se eu adivinhasse...

Introduzo pois aqui duas peças retirada do livro que serve de título a este espaço mais ou menos poético, mas, sem dúvida alguma, literário. Mas desde já aviso, não é minha intenção dar a conhecer, hoje, o que me parece de mais conseguido na produção levada a cabo nesses tempos de uma disposição em leque, isto é, onde se procurava, mesmo se deficientemente e um pouco abstrusamente, abarcar todas as tendências estéticas da época, e outras, por mim esboçadas, cuja origem ainda hoje me é difícil detectar. Como o livro pressupõe duas partes, a dos truísmos e a das curiosidades, eis um testemunho da primeira parte.

1. Otis e a sua música de mississipi e geórgia para as horas de solidão com os altares de todos os sofrimentos no esplendor sábio de uma pequena demonstração que nos torna estupidamente revoltados com o que somos e com o que poderíamos ser visto que não é o sol nem o mar a origem desde tão fodido mal-estar mas talvez o que gostaríamos de ser e não somos por vários motivos sem interesse nem necessária visualização uma vez que estamos todos de acordo que temos que fazer alguma coisa para vencer a fuga dos sentidos ou das más digestões estas coisas importantes que habitualmente nos esquecemos de mencionar mas que são tão verdadeiras como um cravo de papoilas num luar principalmente se esse luar é antigo e barato para que possa ser frequentado pelo povo dos hospitais da minha paróquia sem a brevidade de uma visita frugal e imorredora para todos os séculos nesta europa de frustrações umas atrás das outras calcinada por guerras de burburinho e desespero com marmelada para vender aos pretos de áfrica e das regiões não cristianizadas pela hedionda monstruosidade de uma fé pequenina e virgem saída das entranhas megalómanas de um esperto que desejava a eternidade ao compasso de feras e mostrengos-pecados sem um olhar como

se a definitiva história de um mundo ainda por fazer fosse tão simples como poderia parecer ao princípio visto que até hoje os homens ainda não fizeram nada de decente salvo as construções de manicômios para os grandes e duas ou três construções mentais que não desvendam os mistérios mas apaziguam e desmentem a razão humana o que vem provar que tudo está para ser feito quer queiramos quer não debaixo de um sol que nunca nos viu nascer mas serve de inspiração a poetas falhados que não passam da mediocridade que a vida e os malditos deuses de escrúpulos impuseram sem pedirem licença ao miserável último a saber que geralmente é o infeliz cornudo da ciência e das filosofias para o entreter de damas menstruadas ou professores gozados pela vida uma espécie de revolta ou vingança para quem a vida caga descaradamente ou não fosse ela a vida e o resto pequenos cagalhões que justificam e consolam os homens de quase todas as idades excepto os jovens que são burros ou objectos automáticos e só sabem comer dormir mijar e poucas coisas mais excepto talvez chatearem os pais que em dia de estupidez e de desprevenção deixaram uma gota de esperma chagar onde nunca deveria chegar e depois foram dizer às igrejas que sim senhor desejavam aquele filho quando o que eles verdadeiramente desejavam era a bendita foda e o resto são tretas ou má língua que o tempo passa e nós vemos a chegada extravagante das andorinhas e teimamos que não que não são andorinhas mas tarrotes como se isso fosse muito importante ou permitisse que pudéssemos atingir aquela maturidade que quase todos desejamos excepto eu que não desejo coisa alguma a não ser qualquer coisa para sobreviver sem saber porquê mas sobreviver principalmente agora que os homens são loucos e não fazem um chavo para morrer por um ideal sem ideal ou por uma mulher que nos abrisse as pernas mas hoje já ninguém vai em fitas e ninguém deseja morrer por uma simples e complicada mulher que as há aos centos embora eu esteja só e não conheça nenhuma salvo a minha mãe pelas forças das circunstâncias que senão nem a minha mãe que não presta para o que eu quero e o que eu quero todos têm obrigação de o saber ou então são uns parvos que não ouviram a lição de freud esse gajo que me incomodou quando não devia incomodar numa época da mi-

nha vida em que tinha obrigação de ser jovem e não o era sem saber ao certo porquê porque essas coisas nunca sabemos ao certo temos apenas uma vaga ideia muito diluída pelo uso que fazemos às nossas divagações metafísicas agora tão pouco em moda porque não é de homem o perguntarmos para onde vamos ou de onde viemos visto que é desnecessário para o pobre poder comer higienicamente sem escorbuto ou doenças venéreas que são sempre chatas e deturpam a natureza humana essa natureza que anda muito por baixo porque já descobriram que não é natureza mas sim realidade e os homens ficaram todos felizes por se saberem realidades embora fiquem muito surpreendidos por ainda morrerem agora que são realidades e tudo se torna opiparamente indecente e de má-fé para a argúcia da mente humana que tem feito muitas coisas menos deixar de ser mente o que não permite que se levante a voz em qualquer sessão pública principalmente em dias como os da nossa época em que todos temos o direito e a liberdade de dizermos disparates e obscenidades a todas as horas o que já não é mau e é até bestial o que não impede de sofrer uma noite inteira um desgraçado que não sabe o que fazer da vida e masturba o que não sabe ao compasso de um violino estranho olhando para as estrelas antigas como a angústia de sermos sem uma possível visãoação de algo que o não atormente principalmente agora que está na cama sem uma mulher ao lado para fazer amor com a imbecilidade de um breve animal com cio e com a sífilis para ser vendida no mercado mais próximo como faziam na idade média os vendilhões que adoravam cristo e desejavam louvores aos astros que não compreendiam nem poderiam compreender porque quem julga que um dia poderá atingir a verdade só poderá ser um homúnculo ou um verdadeiro homem que não o louco na sua demência sem ser demência porque é a velha lucidez de outrora que já perdemos corrompidos pelo andar dos séculos e séculos amém e ao pai também por que havemos de esquecer o pai se ele existe assim como existem piolhos e chatos a todos os momentos sem sabermos porque tu sabes o que é difícil e o resto não sabes porque não vêes e o que vêes achas que não tem importância alguma porque se tivesse importância tu acharias que não terias possibilidades de ver porque

só os deuses podem fazer certas coisas e o resto é treta demagógica dos fraternais oradores da uberdade e não me venhas dizer que está tudo bem ou tudo mal porque nada está a não ser e com muitas reservas esta comichão nos tomates que me vem incomodando tanto como as perguntas angustiosas que os filósofos levantam à esfinge do tempo um tempo enlatado para consumo pessoal um tempo para deitar fora depois de usado o que revela uma civilização europeia cheia de traça e inovações monstruosas de desconfiança que todos sentimos diante das coisas novas mas nada é novo novo tudo é igual debaixo de aparências mais ou menos brilhantes que chegam a iludir a ingenuidade dos homens porque tu sabes que hoje não há um Homem mas muitos e incomodativos homens que nos chateiam na rua com uma opacidade incongruente e sem razão ora voltamos ao princípio quando eu dizia que estava só numa casa deserta muito antes de estar só e com os objectos aparentemente adormecidos a saírem dos casulos para nos incomodarem com a agressividade de que não suspeitávamos mas sentimos principalmente se estamos sós e os homens não gostam de estar sós é só isso que eu sei e muito mal porque há quem diga que a solidão é um mito de megalómanos que não sabem o que fazer do gozo de viver como numa noite em que os dentes raivam

27/4/1968

Não sei se deva expor algum texto da segunda parte. Este último, na sua turbulência apocalíptica, deixou-me exausto ao reproduzi-lo. Que fazer? Bom, o prometido terá que ser cumprido. É um dever ético. Alguns até diriam, político!

11

Levantou-se e exclamou:

«Eis o homem que vai ser julgado.

Ele pertence-vos, ele é vosso, vós sois os Acasos, ele é o acusado de vos ter abandonado.»

O povo resflogou. Um clamor de gritos e vitupérios escancarou a praça aquecida pelo suor e pelo ânimo.

Ele, o réu, estava sentado, expectante nas evoluções da turbamulta, sereno como uma rocha nas praias da Normandia, esperando que a sentença fosse o mais possível breve e justa.

O Acusador deixou serenar a multidão.

Apontou o sol e disse entre berros:

«Antes de o maior astro, que todos os dias nos cumprimenta, desaparecer para o incógnito, espero que vós, povo, tenhais já deliberado da sorte deste homem. Mas primeiro, e para vos elucidar, vou dizer concretamente de que é acusado.»

«Nasceu quando os homens andavam cambaleantes da última guerra, construíamos as cidades e sulcávamos novamente os campos, as cinzas pouco a pouco deixavam o seu rosto nauseabundo para rebrilharem nas novas casas dos novos homens que tiveram a ousadia de escaparem ao morticínio. Cresceu com o mundo que estava a ser arquitectado, viu das ruínas humanas o esplendor das próteses, teve a oportunidade de assistir ao destemor de uma esperança. Mas quando atingiu a puberdade, por orgulho, sentiu-se isolado, e foi viver só para a casa onde tinha nascido, no seio dos familiares e dos amigos, mentindo com a sua presença, porque efectivamente ele estava bem longe do Homem. Começou como o mais vil dos animais inferiores a construção de um complexo execrando, o da superioridade, e nunca mais até hoje mudou essa divisa inumana. Mas não era cruel nem detestado pelos outros seus conhecidos porque disfarçava em si esse ódio a todos os homens por que agora está a ser julgado. Abandonou os homens! Que maior crime conheceis que o da traição? Que maior patifaria pode um ser praticar? Nenhuma! E as palavras blandiciosas que expelia aos outros eram falsas, os risos que exalava no convívio com os outros eram espúrios, a vida que vivia

no seio de um micromundo que devia ser o seu era enganadora e ascorosa. Nunca matou nem roubou, mas que é isso diante dessa fuga? Nunca exerceu sevícias em homens ou crianças. Mas o que é isso frente ao orgulho desmedido de se pensar superior? Povo, em vosso nome e para vosso bem, eu peço a morte deste canalha, para que tudo volte à normalidade de sempre. Este homem teve a triste ideia de desequilibrar o universo, deve por isso perecer: Eu desejo a sua morte!»

O povo ficou estático com estas palavras fervorosas que continham a insídia de quem se vê amesquinhado. Não tinham percebido nada do que o Acusador dissera, e esperavam que alguma coisa sucedesse para a resolução de um problema de que estavam alheados. Mas o Acusador percebeu a excitação da população e continuou: «Quem está aqui não tem escrúpulos de qualquer espécie, não acredita em nenhuma lei superior e onisciente, não tem valores morais que o impeçam de praticar crimes, está só porque quer, o que vai contra o nosso ideal de comunhão, e consegue sobreviver fechado em si. Eu desejo, para vosso bem, a morte deste homem. Ela é necessária para a ordenação da nossa sociedade e para o nosso fim: o da fraternidade sem fronteiras.»

(sem data)

Ao ler o que acaba de ser transcrito fico com a sensação de que há aqui qualquer coisa de kafkiano, de petulância adolescente, de crítica implícita não só às igrejas, sejam elas quais forem, mas também a certas ideologias que ainda hoje existem, embora fossem muito mais dominantes nesse tempo. Isto é, há uma atmosfera de um Portugal reivindicativo que imperava na altura, mas de uma maneira completamente obscena e acéfala. Mas há muito mais, e é esse mais que interessa.

17/11/2012

A HORA E O CÍRCULO

22.

Até que a Hora chegou. Fim de um dia, possibilidade de começo de outro, contando minuto a minuto a insuficiência do deslize do ponteiro, fixando no ser a trucidante impressão de um momento superior, sentindo, e oh!, como se sente quando a vida não é mais que tempo, a invisível auréola que pode muito bem ser imaginação, mas icástica, fina, imperdurável, levemente gaseada de sons mussitados, como um bafo de um animal no mericismo invencível do passado, sabendo que se está a ser possuído sem falos ou conas, placidamente entre dois olhares para o silêncio do oráculo órfão, com o sentimento de se estar a atingir a maior alegria de sempre.

Eu não queria estar a falar destas coisas: talvez ninguém acredite no que eu digo, e isso é extremamente bom. Os homens devem ser mesmo assim, lúcidos, polutos, toscos, incapazes de se arrastarem por um pressentimento que pode ser só inventiva.

Mas eu que sofro, como todos sofrem alguma coisa, esta hora, influenciado pela visão apocalíptica de Fausto e do seu remorso, vendo nos mínimos inefáveis um aviso do nada, súbito deus de incontroláveis domínios negados ao homem, filho da Sorte e da Exulceração, iniciado onde o Acaso se comporta como um déspota, eu que agora estou no desamor de testemunhar esta hora crucial, mas percebendo que tudo seria na mesma se procedesse de maneira diferente, se não intentasse cravar no seio do papel este amorfismo Lúcido, eu não sei por que estupidez perco este tempo que seria mais útil no meu sonolento ressupino de cansaço inadiável.

Um plinto ou um santuário para a preguiça,
eis o que construiria se pudesse eviscerar em mim

este interlúdio sem fim. Mas estar assim, inactivo e activo como uma fera, gozando a neutralidade, sem um pensamento maior que o pensamento de estar, sem um sentimento tão intenso que ultrapasse a voz dos acontecimentos comezinhos, sem um sonho que me perca por sarjetas e montículos de cetim, sem a imagem de ninguém a fornicar ideias ou razões abomináveis, só como todos os objectos espalhados pelo redemoinho da sala, sem a substância de qualquer coisa a proliferar raivosamente, enfim, comigo próprio onde o próprio é ficção e mentira psicológica, eu estou para o Nada e para o sempre, nesta perfeição conjugada com a eutímia de uma organização que me escapa e se escapa, figuração de um abandono ao eclectismo das horas imperfeitas.

Possuindo um acervo de mundivivências colmatadas pela memória, barítono de uma música onde o dó não chega a insinuar-se, filho livre das besteiras que os homens vetustos criaram bondosamente, absorto na frivolidade subtil de me saber homem desempregado, optando pela sinceridade magnânima da desídia como expressão de uma vontade, o meu corpo e eu, ou eu no meu corpo, estamos infinitamente bem, rodeados pelas flâmulas dos outros mundos humanos, isolados das rochas onde a incompreensão abusaria da nossa inocência, deslocentados até às raízes do nosso viver anfigúrico e usado, já sem o atrevimento de desequilibrarmos o universo, estáticos, maciços, ocupando o estrito espaço da nossa adiposidade indesculpável, silenciosos como um morto no esquife filaucioso e cosmopolita, enraivecendo todas as formas de progressão para o fim, não queremos mais que a deselegância de sermos maltratados.

Mas a Hora ainda não chegou. Nem o dia findou definitivamente: eu surripiei ao momento de desatenção

um resquício do Ontem e do Passado, e agora brinco fabricando vidas e paixões com os desperdícios, supondo isto ou aquilo para atingir tal fim previsto, conspurcando a imaginação com a fantasmagoria de pesadelos insinceros, demiurgo onde a desonestidade não vai ao clímax de abortar homens. Mas a Hora ainda não chegou. E quando aportar com bagagens e falsas ideias, a minha vida não será diferente. Eis a conquista, eis a banalidade.

(sem data)

Mas todo este livro foi escrito em Coimbra, de 10/6 a 15/7 de 1968. O texto tresanda, estilisticamente, a um dos Pessoas, mas a matéria não coincide com o dito cujo. Ao transcrevê-lo ouvi as vozes quase longínquas de Heraclito, Lucrécio, Montaigne, Leibniz, Hume, Nietzsche, e, mais próximas, as de Sarah Kofman e de Clément Rosset. Toda uma família. Alguns polemicamente fluidos mas obscurecidos pela incompetência dos leitores, outros singularmente cépticos e bondosamente materialistas, outros perspectivistas pelas modulações introduzidas ao pensamento intuitivo de que a um fim poderá coincidir um começo, outros afagados de contingência, outros gozando ou tentando gozar o real como um facto adquirido alegremente, outros preludiando já uma qualquer Porética. Os malandros. Alguns já me apresentados em leituras adolescentes, confusas e interrogativas, outros desconhecidos como a contemporaneidade, noção nem sempre compreendida. O espaço precisa do tempo, o tempo explicita-se no espaço, diz alguma ciência dos nossos dias. Talvez seja verdade. Talvez seja apenas uma ilusão. Na ilusão da verdade, como na verdade da ilusão, temos que viver. Nem sempre escrevendo, nem sempre lendo. Li com um arrepio de futuro o texto precedente assumindo a incapacidade de uma qualquer nostalgia, às vezes penso que é uma pena não nos darmos à memória da memória. Mas os feitios não se discutem. Como diz o truísmo, é preciso de tudo para se fazer um mundo. Façámo-lo.

17/11/2012

O EXÍLIO

Os quatro livros em português escritos na minha estadia em França, intercidos na produção propriamente francesa a que então me entregava, e da qual apareceu publicado o livro *Les Tois Ages*, em Paris, obrigam-me a uma pequena introdução. É o período a que, taciturnamente, chamo de miserabilista. Os românticos pensavam e diziam que era no sofrimento que se escreviam as obras-primas, eu, no sofrimento, não só social como psicológico, só escrevi, parece-me, obras últimas, uma outra maneira, neste contexto, mas só neste contexto, de dizer, medíocres. Os planos que tinha feito para o que deveria ser escrito no estádio seguinte da minha Obra, foram completamente torpedeados pela realidade histórica em que me vi envolvido. Hoje, mais do que nunca, um assomo de calor avermelhado sobe ao meu rosto quando toco num desses testemunhos. O que me foi dado escrever! É como se tivesse mudado completamente de idiossincrasia, não só pessoal como estética. Toda a porcaria cedida pelo passado irrompe nesses textos com um fervor e uma urgência que já nessa época me deixavam espantado. Pois já nesses dias eu sabia que nada de interessante estava a ser dito ou escrito. Mas também sentia, com uma visceral convicção estúpida, que me era obrigação escrevê-los. Aquilo por que um homem passa! Pela vida, procuro eu dizer. O que não quer dizer, ó ironia do destino, e dado o acaso da recepção, que muita gente não veja nestes textos o melhor da minha produção. Há leitores, felizmente ou infelizmente, para tudo. Aqui vai pois um exemplar indesculpável desses tempos tumefactos. Mas reais. Aí é que está, no fundo, o verdadeiro problema. Terem sido reais e não imaginários.

20.

A poesia do ódio:

lodo sedimentado na escória do velho mundo,
a terra monótona estremece de prazer,
o caos dorme nos destemidos lazeres,
o universo regozija-se com a perda.

Transformei o mecanismo do meu coração!...
Do amor leviano que era o fogo da inocência
eu tirei a licença que me permite odiar,
saquei ao saber as chaves da maldição
e com elas eu abro os palácios do mal-estar:
é que a minha vingança é contemporânea
da estridência que sopra as faúlhas da minha dor!...

Tudo me fere: A realidade dita coagente,
a alegria esporádica que abrigo nos meus lábios,
os sinais-signos que florescem no meu peito,
as gentes que passam por mim na rua da cidade,
a natureza que prodigaliza as estações absurdas,
eu próprio que me revejo no espelho da memória.

Fui outro.

Agora, sob o peso do sono mas esperando a insónia,
mais do que nunca na noite que é símbolo do antigo,
eu, divisão do mundo no plexo do espírito atento,
advento do desconhecido no imo súbito de tudo,
não só homem, mas possuindo a outra dimensão,
eu, dizia, vejo na brancura translúcida do tempo
a imagem minha que é feita de um outrora ido
e do clamor insuportável que é presente.

Só o futuro, porque furo ou brecha no muro,
me redimirá, e mesmo o futuro, possibilidade ausente,
quente ressonância do infinito que ainda levita,
porque saído do irreal que se fará realidade,
é incapaz de conter a odisseia morta que eu vivo,
agora que escrevo, agora que digo a brevidade
e sou a arrogância maior do que se chama palavra.
6/9/72

Espero que não tenham desmaiado. Ou estou a ser demasiado
injusto com o que fui e escrevi?

19/11/2012

RAÍZES E PORTOS

Aproveito esta ocasião para deixar inscritos dois textos, de uma inócua trilogia, que remeterão para um outro texto mais ou menos recente e que será proximamente dado ao mundo num livro a publicar. Se não me engano, pois não tenho a pachorra para andar a chafurdar no computador, de título *Elacções do Pejorativo*. Ei-los:

22.

Contar-vos-ei, um dia, no crepúsculo do verão,
entre os últimos calores e a serenidade loira,
quando a natureza for respeitada pelo halo
e o homem se permitir o luxo de descansar,
já calmo do clímax e disposto a escutar,
a vida amorosa do poeta desnecessário...

E como bons leitores que sois, sensíveis à tristeza,
vós chorareis outras lágrimas diante das palavras
que vos dirão os meus amores tão dessangrados!...

Não me queixo das mulheres e a carne é pobre!...
Tenho tido sorte, e tenho sido visceralmente amado!...
Simplesmente, coitadas delas, as mulheres que me tocaram,
atraídas pelo corpo que sou, desenganadas pelo homem
que vivo no mais monstruoso papel de toda a história.

Mas eu amo-as, mesmo quando não percebo o verbo amar!

Não sei!... Certos olhares foram-me mais úteis
que todas as filosofias, certos rostos de mulher
conseguram desviar-me do suicídio tão próximo!
A ilusão, amanhã talvez, quem sabe!...

Disseste-me, na boca da tua juventude tão miserável,
a tua face encarnada e os teus olhos tão baços,
tauxiados nesse rosto que não sei se é de mármore,
como um reflexo já de uma dor que não sofreste,
tu que já passaste todas as dores da condição,

Je ne te verrai plus? – e eu, tão covarde, apenas
sorri como um cansaço, uma impossibilidade, um medo,
e deixei-te só diante de mim, os teus olhos perdidos,
a tua frase já passado, mas tão bela, que agora, aqui,
no silêncio da noite e na solidão do quarto,
eu choro-me e digo-me: És um miserável!

24.

Penso em ti. Um engulho no meu peito, a garganta seca,
tu tentas-me como a perdição, mas estou tão cansado!

A modernidade dos homens fatiga-me
e na sociedade só o crime trabalha e vence!...

Tu comes miséria desde que nasceste
e os olhos da tua fome devoram-me, dores e palha!

Não sei o que realmente perdi! Nunca o saberei!
Escrevo o acaso de ser homem e de haver mulheres,
relâmpagos na tormenta que se fez mundo,
e calor no leito onde toda a morte se recolhe.

Falo-te do meu amor, como um clamor de velhice,
um longânime ardor que se estiola lentamente,
vi-te sorrir e na mão do meu corpo o teu corpo
soube sentir-se carne e desejo e mortalha.

Durante semanas fingi ignorar-te, eu, o solitário,
que te tomava como uma criança na indiferença
do velho espaço que se forma no meu corpo:
cansaço e anos perdidos, juventude queimada.

Olhar-te era reconfortador, e saber-me olhado
no fervor dos teus tão jovens temores de mulher
consolava-me do deserto e da secura passados!...

Nunca compreendi existências, nem os corpos,
mas do mistério eu tenho tido longa experiência!
E entre nós, estranha convivência, já nem palavras,

mas silêncios de paz e sorrisos, e abraços.

Esperaste o meu sinal. Três vezes diante de mim,
balbuciando os nervos da separação definitiva,
tu repetiste a triste frase do folhetim barato:
Je ne te verrai plus? – e eu sorri, canalha,
sem mesmo ter a coragem de dizer um não.

(Ambos os textos sem datas, mas seguramente escritos antes do 11 de Março de 1973, começo da segunda parte do mesmo livro).

Nem sei o que dizer. Isto aconteceu, o que em si só é terrível. A monstruosidade abeira-se de nós como uma tentativa de destino, não estava destinado a ser mais um operário na magnitude insuportável do castigo capitalista. Ou não quis sê-lo, tendo que abdicar de alguma felicidade talvez ainda possível nos dias de hoje. Ou de ontem.

Sem sabê-lo, que a ignorância nesse aspecto era total, coincidia esta estética, se o nome se adequa ao que se apresentou, com o confessionalismo que teve durante alguns anos, os anos sessenta, algum êxito, para não dizer muito, nos Estados Unidos. Sem querer, dadas as condições materiais em que vivia, era um escritor do meu tempo. Do meu tempo! E eu que pensava, muito sinceramente, que tinha descido ao inferno sentimental do século XIX, extrovertendo lugares comuns de uma obscenidade cataléptica como também, dizendo a verdade, um pouco indecente!

Os caminhos que não levam a nada levam o nada das nossas existências, e espero que não façam deste trocadilho um aforismo incalculável. Brincar com as palavras não é mudar o mundo. O mundo. Estou a sentir uma ecologia inexpressiva, derivada do eco que vai surgindo neste apego ao comentário. Há palavras que são enganadoras, ou possuem vários sentidos, escolher um sentido não é difícil, mas será o verdadeiro? Ou tudo é tudo? Estarmos diante de qualquer coisa como se fosse natural estar-se em qualquer parte do universo.

19/11/2012

DEPOIS DA MORTE

2.

Chegará talvez uma noite ao descampado do desejo,
o breve beijo foi no simulacro da despedida,
uma carnação de auroras e de fulgentes luzes,
sei que no destino de que não quero ser arauto
uma chama se levantou que clama o fim do martírio.

Mais um sinal na imensidão tumultuosa dos prazeres,
a carne arrefece e o tesão melancólico do ser,
falam-te de poetas sensuais e eu rio-me secretamente:
não descubro nada ao nada que puramente existe,
um rubor de mulher na face doce do meu delírio,
e tu dizes-me que sou feliz e me perco de caminho.

Porquê? Não questiono a razão de tudo,
limito-me ao irrazoável que tem tolhido a vida,
os marcos desaparecem como folhas da heráldica
que o mundo fabrica pelas idades fora da história.

Sim, repito. Sim, diz sim agora que sós estamos,
na tremura do teu corpo e na languidez da boca,
abre-te como fazem as flores diante da primavera,
os símbolos estão aí para perderem a carne.

Fui unânime com quê? Com quem? A quem desobedeci?
Agarro-me ao teu compacto calor de mulher sofrida,
tenho nas mãos um livro que não posso querer ler,
a geografia da fome de tantos anos esclarecidos,
e um choro, feito do que sofri e desfeito em pranto,
leva-me à porta horrenda do teu suave sacrifício.

Por que não gostas do monstro que quer carinho?
A injustiça governa o mundo dos teus sonhos ilídimos.

Dezembro de 74, Janeiro de 75 – Londres

19/11/2012

ESTAR SENDO

Um pequeno problema: as linhas dos textos deste livro são enormes. Vou ter que as arrumar numa outra disposição. Isto é, ritmicamente - o que é uma chatice -, terei que reescrevê-lo.

44.

Escrever um poema é sobretudo não escrever um poema:
lido depois da febre aparece como um desvelo extemporâneo,
uma ficção inessencial, um testemunho incapaz de mostrar
com evidência a fusão de duas lacunas que se abrem:
quero ultrapassar o real sem a escória já tumefacta
de um tempo passado, no que digo e no que invento,
no revelado e na desconfiança verbal do ser:
mas querer não é ser, e lido depois do calor
que o criou, revejo apenas certas palavras
que me são muito caras, não o sentido
que inocente buscava. Escrever um poema é pois
um acto de ódio, uma necessidade de pânico
e de morte, a vontade periclitante de atingir
um orgasmo através do casual engano.

O que fica, o que não foi dito, o que se esqueceu,
também é ser, forçosamente.

Não sou só o que digo; a impossibilidade
é uma parte importante da criação, o inefável
ressoa como uma plausibilidade intransponível
no plano do real, a minha estadia
não é somente o estar aqui escrevendo
este doloroso poema, a minha paixão é urdida
de novos tremores que acendem no ser fogueiras,
falo-vos da batalha quotidiana, da cerebração
que antecede a vitória simples.

Assim, não sou feito do que tenho exprimido
ao longo destes anos impenetráveis,
o que não penso no momento em que escrevo

é uma face real do meu sonho,
o que não reflecto por incapacidade do pensamento
traduz-se no silêncio que cada livro traz consigo,
esse silêncio que poucos sabem ler, esse enigma.

Por isso cada livro que se escreve é um passo
dado numa certa direcção ignota, cada sentido
que se junta ao sentido de ontem uma ligação
que ilumina a vida, cada frase aparentemente
inócua transporta no seu cerne mirífico
uma porta por onde o ser sai e entra,
visto que o real é uma estrada de dois sentidos.

O não-dito revela-se neste quotidiano que o leitor
inventará ou suspeitará, a qualidade de uma obra
desobedece aos ritos tardios que as épocas engendram,
aquele que escreve não será jamais lido nem apreciado,
mas com o decorrer dos anos as palavras aparecerão
tão evidentes que todos se esquecerão da difícil entrada
no mundo do real, formando elas próprias a história,
a verdade em que não se acreditou, a necessidade
que não se vislumbrou, a essência do que somos
por cobardia ou estupidez, mas a essência que governa tudo.

Por isso escrevo neste mítico aqui os poemas
que serão lidos num desfasamento, vós que os ledes
agora sois estranhos fochos que iluminam na noite
ocidental a ignorância do que se tem vivido,
a ausência do que não se sabe colmatar,
vós estais confusamente ligados à génese
deste embrião que procura respirar.

(sem data, mas escrito em Paris, 1975)

Rastos de outros livros que ainda não foram publicados vivem
ainda noutros espaços/tempos. Haverá sempre um dia, com os
avanços e progressos tecnológicos de que dispomos, em que
serão atingidos. Mas serão lidos? Mas serão compreendidos?
A história, como a concebo confusamente, nunca é verdadei-

ramente do passado, é antes do presente desse imponderável passado, mesmo quando se tem acesso a provas estudiosas e a documentos concretos de que ele existiu como parece ter existido. Mas quem alcançará vencer a, ou as ideologias de cada época que se debruça sobre o passado? Não é uma questão de incompetência, é uma questão de impossibilidade. Se nos é, a nós, tão difícil saber hoje o que se está a passar, por isto e por aquilo, que os argumentos são sempre vários e sempre repetidos exaustivamente, não escapando contudo de se cingirem a simples opiniões, como termos a pretensão de conhecer o que já nem é?

Tanto que se vive, tanto que se escreve, o que é e será feito desse tanto? As palavras são limitadíssimas. Não conseguem abarcar a totalidade do que nos faz real e realidade, sugerem apenas o que poderá ser do que está sendo, esboçam sentidos onde muitas vezes nem sequer há sentidos, mas apenas duvidosos acontecimentos escapulindo-se de qualquer consciência ou de qualquer domínio linguístico. Como algures já escrevi, a língua não é, como queria Heidegger, a casa do ser, e o ser pode não passar de um sem-abrigo.

Apesar de todo este arrazoado, e talvez contradizendo-me, o que não seria um acaso ou um caso muito improvável, penso que estas amostras agora desvendadas convencerão definitivamente os amigos de que esses livros, figurando como pertença de uma obra, existem realmente, mesmo se postergados para a escória silenciosa de gavetas mais ou menos existenciais.

E ainda haveria a falar, já agora, dos cinco ou seis livros escritos em francês, quando vivia em Paris. Felizmente, ou talvez não, tenho a comprovação publicada do *Les Trois Ages*. Mas, mesmo que inserisse ou tivesse inserido alguns desses textos desses livros na concomitância clangorosa deste livro, quem os leria numa época em que o inglês é a língua franca? Franca, não disse francesa. Digo-me muitas vezes, talvez absurdamente, “Ah, se eu tivesse nascido nos *States!*” Se todos os lugares são bons para se morrer, como dizia ou disse o outro, nem todos os lugares são bons para se nascer!

19/11/2012

QUINTA PARTE

A VOZ DA MÚSICA

Noite, verdade, mas por que não falar do dia?
Não do dia de vinte e quatro horas,
mas do dia que nasce e desaparece imbuído
de luz. Chove e choveu. O quotidiano
terá também as suas quotas, as suas primazias?

Músicas planificam a hora em rasgos
de inteligência, quem ousaria ouvir a vida
que não se faz ouvir? Esta beleza, porém,
no tempo que se alonga, na música serena,
como se uma cobra coleando fosse um símbolo!

Que aconteceu para que possa agora acontecer
como língua? Que facto? Que fenómeno?
Um sorriso expectante deixa de ser sorriso.
Como desmembrar as razões da permanência,
como transformar o fogo numa metáfora?

É tempo de se abandonar a interrogativa?
Um piano esclarece cada som entre silêncios
quase abissais, nada como os exageros
para não se dar a compreender o que se sente!
Sentir é uma aporia que não se reconhece.

Uma voz entrelaça-se com o som piedoso
do piano e com a porosidade da noite,
não é minha. Não sei de quem é. Mas existe,
como se o nada fosse apenas uma perspectiva
na intumescência tumultuosa do acaso.

Uma inóspita solenidade pretende atingir
a consciência de quem escreve, de quem ouve.
Mas não consegue. Ilusões disto e daquilo
já tiveram um tempo, agora o tempo é a noite,
se faz sentido o sentido tentar uma palavra!

20/11/20012

UM POUCO DE SOLIDÃO

Se houvesse, ao menos, um pouco de solidão quando se está só! Que avesso é mundo para que tudo deflagre como uma entrevista bomba televisiva? Cenas, de sangue, em corpos mais ou menos vivos, mais ou menos mortos.

Pena que a beleza não seja só uma ilusão! Está-se diante do mundo e tudo o que rodeia é um planeta petrificado em convulsões, umas indesculpáveis oxímoros, outras incapazes de se definirem numa conclusão.

Ninguém ao lado para me fazer a pergunta: É para isto que se vive? Este isto, confesso, é um conceito que me deixa muitas vezes estupefacto, para não dizer ferido. Sim, sim, ferido. Este isto não vive de nada disto.

Mas como explicá-lo? A inteligência infeliz que talvez possua não me abre ao mistério das coisas. Não estou a dizer, ao mistério de haver coisas. Mas das coisas. Das coisas que dificilmente se exemplificam em língua.

Se houvesse, ao menos, algures, ou mesmo aqui, um mais. Ou, pelo menos, um mais ou menos. Se houvesse. Não há. Dizer vida para o que há pode bem ser uma intrusão no anfigúrico mecanismo do pensamento.

Mas, e o sentir? Alguns diriam, a alegria de sentir, alacremenente exprimindo um riso de plena comunhão com o... com o quê? Nunca compreendi a alegria ou a tristeza. Se houvesse, ao menos, um pouco de solidão!

20/11/2012

ALGUMA COISA

Dizer-se «mais um dia vivido» pode ser uma mentira. Não porque não se tenha vivido como quem está vivo, mas talvez porque viver seja muito mais do que estar vivo. Vou tentar compreender o que estou a dizer pensando baixinho e incólume.

Mas valerá a pena? Eis a pergunta fatal. O dia findo e nada, realmente, findando. Tudo esbraceja para passar, imagens céleres descortinando-se na opacidade do que se faz passar por realidade, por vida, por tempo, por história.

Dizer-se qualquer coisa para não se dizer nada não modifica em nada o que haveria a modificar. A vida. A vida. Não porque alguma coisa esteja mal, o mal depende tanto do bem que às vezes uma pessoa nem sabe muito bem o que pensar.

Às vezes o desejo, o grande desejo de se ir tão longe quanto possível, mas quem, de nós, sabe o que é o possível? A vida, e é tão chato repeti-lo, nada nos diz. Ou melhor, nada me diz. Dissesse ela alguma coisa, que coisa mudaria?

A vida? Há sempre suspeitas evoluindo pérfidamente pelos interstícios do raciocínio, que faz aqui a vida? Que significa dizer-se, a toda a hora, a vida, a vida, a vida? Não faz sentido concentrar-se numa palavra, num som, uma quase obsessão.

Mas quem quer fazer sentido? Todos, quase todos dos que são homens e mulheres e crianças, desejam viver. Bem. Ser felizes. Ser, como dizer, uma verdade incapaz de se aceitar a mentira de quem pretende dilucidar o que não sabe dizer.

21/11/2012

LIVREMENTE

Na displicência de um sentimento devoluto
um vulto surge, do que se trata? Algo,
algo passa na rapidez de uma desatenção,
quem me quer ser? Quem me quer viver?
Haverá aqui alguém que não eu?

No revoluto ensimesmamento de si mesmo
algo trespassa no fogo de uma sensação,
o que é isto? Uma dor? Um gozo?
Não é certamente o tempo. Nenhum espaço
arfa, o que são coordenadas? Alvos? Acertos?

Uma imperdoável espontaneidade procura
surgir como uma revelação. De quê?
O silêncio à volta não se revolta. O som
que se faz ouvir não é da música.
Respiro. Estou em mim. Estou em mim.

Arfo, livremente sentindo uma certa leveza
no que tem sido pertinazmente corpo.
Sinto que uma língua pretende abrir-se
na dimensão hipnagógica do logro,
será agora que o real expelirá essência?

Permanência de mim admito como um fim
o direito de um dever, mas que dizer
quando se ignora o que está no momento
a acontecer? Nada acontece, apetece
quase dizer, mas como ter disso a certeza?

Há pessoas que passam pelo tempo de vida
como se não fossem pessoas, ninguém
compreende o que fazem ou dizem,
mas passam, felizes ou infelizes, felizes
e infelizes, e talvez ao mesmo tempo.

21/11/2012

NO FUNDO

Não resisto mais. Música! Música!
Um pouco de música, é o que me digo
levantando-me para atingir a sonoridade
contida no disco. Não me desculpo do vício.
Quem não tem, no fundo, a sua droga?

Música para que possa sentir, na tarde
que se acha perdida pela noite, a perdição
de qualquer coisa que não seja só estar vivo.
Ou a salvação. Não da tarde absorvida
pela escuridão, mas de quem não sei ser.

Há uma falta, mas de quê? De quem
a falta quando falta alguma coisa? Dislate
após dislate vou procrastinando, é verdade,
concordo, mas o quê? Na evidência
da música descubro alguns instrumentos.

Diz-se: «Se tudo fosse diferente!»
Mas não consigo abarcar esse tudo, apalpar
esse tudo, que me falha para não me sentir
falhado? Que acaso se transformou em sorte?
E que azar não me caberá ainda?

A música que ouço neste preciso instante
responde-me com uma felicidade ignóbil,
por que não a compreendo? Que diz?
Que sons são estes que não são palavras?
Superfícies onde desliza o inominável?

E depois a voz desta mulher, feminina,
ascende como se fosse um facho de luz
acostumando-se ao acusmático espectáculo
da existência, acendendo em quem sou
um horror inexplicável por indefinido.

22/11/2012

UMA MANHÃ

Digam o que disserem,
uma manhã é sempre uma manhã.
A luz, com ou sem sol, preenche o olhar
com coisas e objectos, o mundo, a terra,
suspira a voz interior, certamente feliz.

Digam o que disserem.
Por exemplo, agora, aberto à portada
aberta, vejo o em frente com um travo
de contentamento que não depende de mim.
A realidade não é só um realismo.

Nem depende da vontade ou da consciência.
Olho, e vejo. Um casario desperto,
miúdos que se apressam a chegar à escola,
automóveis de pais zelosos (penso eu)
trazendo à aprendizagem os filhos.

Não se trata de beleza ou de admiração.
Muito menos de espanto. Mas trata-se
de qualquer coisa, de um sentimento quase
de segurança, como se houvesse fundações
e fundamentos na azáfama quotidiana.

Quotidiano de mim mesmo sorrio.
Sinto-me bem. Sinto-me. Estarei a morrer?
A dúvida alcança-me mas não me fere,
é uma quase carícia, uma alegria
talvez sem razão de ser ousando ser.

Digam o que disserem, há vida.
Há manhãs abrindo-se em formas férteis
de deiscências ignotas e ignoradas,
aparatos inocentes de um mundo íntimo
tentando captar do mundo a presença inútil.

23/11/2012

O JUÍZO

Os afazeres diários não são uma parte integrante do que se chama ainda Diário. Não se descreve o que quer que seja. Não há dados da vida intrometendo-se em língua, em língua pensando-se destino.

Mas há acções que se desenvolvem no correr do dia, viver não é feito de nadas, mas de tudo o que se tem para fazer. Uma refeição preparada depende de tantas reverberações da memória inolvidável!

Ler um livro aberto que nos incendeia a imaginação, narrativa ou poética ou mesmo filosófica, é um prazer acessível, tudo se desprende de tudo e tudo se conclui em tudo. Estarei a ser demasiado optimista?

Sobretudo agora que parte do mundo curte uma crise inconsolável e insolvente? Serei insensível ao sofrimento das gentes? Mas o meu sofrimento foi desde sempre, e até um certo ponto, social.

Ninguém sabe o que é um indivíduo. Todos se comprometem, em perorações mais ou me menos angustas, com angústias que poderiam ter sido prevenidas, houvesse, houvesse capacidade civil para tanto.

O juízo não é sempre final. O juízo deveria ser constante. Fazer parte da vida quotidiana. Mas o prazer, ou o desejo de prazer, deteriora as populações. Não, o remorso não morde minha consciência inconcebível.

23/11/2012

O SUBLIME

Sinto que tenho muito para dizer,
mas o dizer não se diz, não se faz,
não se exterioriza num acontecimento
ou numa ideia que iluminasse por segundos
a minha disposição para sentir alguma coisa.

Catapulto-me para a memória recente
e voluntária, que foi realizado na experiência
do real nos últimos tempos? Fiz uma viagem
ao norte no fim de semana, a família original
revista como quem descobre a infância.

Tanto aconteceu, tanto se perdeu, a viagem
na auto-estrada não me trouxe, nem de longe
nem de perto, o Arizona, o New Mexico,
o Colorado. Se disser, como digo agora,
Mesa Verde, quantos saberão ler?

Não é culpa de ninguém, eu sei,
mas eu estive lá. Olho, ou melhor,
olhei para a paisagem portuguesa mudando
do sul para o norte, algum vinhedo,
pinheiros, eucaliptos tornados autóctones.

Ah! mas onde estão as sequóias?
A humidade milenária, a atmosfera feérica
de uma vegetação impedindo o sol
de chegar ao solo, ao chão de uma terra
que os deixou resistir centenas de anos?

Nada de horrível na viagem do sul ao norte,
nem um acidente para se poder conjugar
algumas considerações sociológicas.
Melhor assim. Que interessa o sublime
quando do mundo nada se pode sublimar?

27/11/2012

CONSUMIR E CONSUMAR

E no entanto, esta intensidade afectiva
mais até do que intelectual, subir
num barco fictício o rio inexistente,
mas subi-lo mirando as suas águas azuis
reflectindo a possibilidade de um sol.

Para quê? Não saberia responder.
Nem o símbolo implícito na quintilha
precedente consegue atingir uma fala.
Se envelheço todos os dias, inconformado,
por que não deixar envelhecer a língua?

Que ideologia me impede de consumir
em efeitos de retórica a mediocridade
de tanto poeta consagrado, não seria bom
ser reconhecido pela humanidade
de quem vive hoje o que finge ser?

A vida não pode ser adjectivada. Nada
se compadece das ilusões ou das belezas
fabricadas com o afinco de consolar.
As necessidades dos homens! Incluo,
como sempre, as mulheres e as crianças.

Uma criança, que me é muito querida,
está doente. Se eu pudesse, ou soubesse,
curá-la, não estaria aqui a consumir dislates
incapazes de qualquer futuro, de qualquer
presente. Que presente oferecer-lhe-ia?

Um desses mitológicos heróis impingidos
pela publicidade televisiva? Que vê
ela nesses objectos tumefactos? Todos,
uns mais do que outros, se deixam enganar.
Que necessidade nos torna estúpidos?

27/11/2012

O REAL

A pergunta quase angustiante:
por que não fico parado diante da luz branca
do monitor esperando que qualquer inspiração
me devolva à realidade do novo,
à emergência do que será essencial?

Mas não, atiro-me para este mar
que já foi medular, atiro-me e começo a nadar
numa efervescência do nada, de um vir
a si que não corresponde verdadeiramente
a uma manifestação do que foi a identidade.

Feliz por nadar nestas impossíveis águas
de uma imaginação enfraquecida, ou tentando,
talvez pela primeira vez, ser imaginação.
As voltas que o mundo dá, diz o povo.
Não me perguntem que povo, por favor.

Há quem cante neste começo de tarde,
deixo-a cantar, pois trata-se de um mulher.
Se fosse um homem a disponibilidade
talvez não fosse a mesma. Há injustiças.
Há misérias. Há, às vezes, certas felicidades.

Nem sequer ouço o que diz. Não por ser
mulher, mas porque estou tão embrenhado
neste emaranhado de sentidos que me seria
de todo impossível. De todo. Assim, um fundo
acompanha-se nestas águas sem fundo.

A realidade é uma invenção cotidiana.
Agora sim, permaneço petrificado, que dizer
de tal asserção? Mas é verdade. O real,
isso sim, não se sujeita a nenhuma invenção
humana ou outra, o real é inconcebível.

27/11/2012

NO FOGO

Uma excitação nitidamente sexual.
Mas não se pode dizer que há uma erecção
nisto tudo, embora erecções possam adquirir,
em contextos diferentes, vários sentidos.
Direi pois, antes, uma sensualidade nítida.

Imbuído de sons sigo pistas que muitas vezes
não levam a nada, mas que ficam plantadas
nesta terra tão visceral como histórica.
Houvesse algures um breve pensamento
e eu faria tudo para poder senti-lo!

Ou mesmo um sentimento. Porque, devo
confessar, o que sinto não apresenta traços
do que se pensa que é um sentimento.
Qualquer coisa está a acontecer, sinto-o,
mas o que é uma coisa, um acontecimento?

Esbarra-se sempre em qualquer muro, dizem,
é da condição humana. Mas eu não queria
esbarrar em nada, e sou, penso, humano.
Tudo leva a crer. O problema é esse, crer
não é muito credível. Eis-nos na aporia.

Não poria pois as minhas mãos no fogo.
Não sou completamente estúpido. Sou,
vou dizê-lo assim tão desprevenidamente,
como esta música que estou a ouvir.
Sou um fundo fundindo-se, fundindo-se.

Os fundos não têm fundamento possível.
Passam como rápidas percepções de rápidas
fulgurações miscigenadas a nadas, ilusões
de erecções em pedestais incomensuráveis
da sensibilidade que se abisma onde se aninha.

27/11/2012

OUTRA PESSOA

Um sol húmido não consegue desviar
o fino frio para outras paragens do globo.
Mas mesmo assim, da portada
que cresceu da janela vê-se uma luz figulina
cair sobre o chão chuvoso do fim do Outono.

O tempo já nada me diz. Nunca me disse nada,
para ser honesto. Qual deles, é a ambiguidade
que deposito, quase com carinho,
na consciência de quem for capaz
de ser outro na leitura desta experiência.

Manhã no horizonte. Uma música aquática,
para lá de ser barulhenta, invade o quarto
deste apartamento, tenho de mudar
o seu tumulto sonoro, a sua indulgência
na mediocridade mais que contemporânea.

Agora sim, é música o que se ouve.
Bill Callahan, uma das últimas descobertas,
transforma-me numa outra pessoa
ao dar-me a impressão de que sempre senti
de mim a intimidade da consciência.

Quando canta, I am a rock bottom riser,
sinto uma convicção que me traduz
na desprevenida confissão que ele de mim faz.
Ah, as intempestivas afinidades!
Ao acaso de encontros que se ignoram.

Uma feliz audição, ter sido, até certo sentido,
contemporâneo de um verso entrevisto
numa canção. I am a rock bottom riser,
a revelação nada apocalíptica, a confirmação
de que há sempre alguém onde não há ninguém!

28/11/2012

UMA EXPERIÊNCIA

De tal maneira esta canção me empolga
num movimento para dentro, qualquer que seja
esse dentro, que me enlevo na subida
de mim mesmo a mim mesmo, a redundância
apenas uma aparência de uma valsa.

Como se pode saber tanto sobre um outro
quando se é apenas o que a imaginação
nos inculca como uma possibilidade de ser?
Obsessivo faço a canção repetir-se
num eternamente tempo hiperbólico.

Ser compreendido por um desconhecido
é uma experiência quase extraordinária.
O que é o saber? A adivinhação? O efeito
de uma conjugação de sensibilidades humanas?
Se soubesse responder possuiria a sagesa.

Não é o caso. Mas todo o disco, agora,
em cada uma das suas fases, desenvolve
faces que me foram conhecidas num outro
tempo, num outro espaço. De onde vim
não é um mistério. Ter vindo é um mistério.

Poderia, se não fosse absurdo dizê-lo assim,
ter permanecido na imensidade abrangente
do nada, feliz por ser nada, por não ter que sair
para um mundo onde não confirmo nada
do que vejo, nem sequer a minha humanidade.

Mas o que está feito fez-se. Melhor ouvir
esta música que me alaga de impressões vastas
como o universo, mas impressões reais
de quem vive na terra, aterrado tantas vezes
com a crueldade a que se é votado.

28/11/2012

TUDO NA MESMA

Do mundo nada há a dizer. Tudo na mesma.
Pobres e ricos, o esquema histórico.
Da natureza humana já tudo se escreveu
ou disse, haverá alguma coisa a fazer?
Fazer de conta que há progresso é a atitude.

De muita gente. De vez em quando cai-lhes
em cima o real e eles não sabem o que fazer
da realidade. Um espectáculo deprimente.
Queixam-se e choram, violentam a hora
em desproporções que lhes são exógenas.

Todos gostariam de ser malandros.
Os mestres do mundo. Acima da população.
Mesmo os membros da população.
Dizer o contrário é uma piedosa mentira.
Mas há quem se pense diferente.

Que vive de uma integridade impoluta,
incapaz de ser escravo dos seus interesses.
Pobre e ricos, é o verso da canção
que nunca foi verdadeiramente cantada.
Intenções intentam obstruir a alienação.

Não, não há estranheza no que é.
Mas o hábito, haver pobres e ricos. Hoje
como ontem. Uma maldição, senão divina,
pelo menos social. Pensa-se assim,
desde que não caíamos no real dos pobres.

Dizem, ninguém comanda o mundo.
O mundo evolui ao acaso da sua presença,
umas vezes concedendo, outras vezes
retirando. Pobres parvos! Quem, da política,
ousaria acabar com um estado de coisas?

28/11/2012

OS OUTROS

Um silêncio vascular vasculha o apartamento como se tudo estivesse na normalidade do que é hábito. Um silêncio impregnando de solidão a hora, o momento, a manhã. Nenhum sol berra ou fala, a luz apenas luz.

O homem que sou permanece na inclusão de alguns pensamentos obtusos e quase óbvios, mas os pensamentos não mudam nem modificam o real. A realidade jaz fria e perplexa como se não quisesse ser real.

Imbecilidade a minha, infantilismo adolescente, ter querido, ou mesmo desejado, mudar o mundo. Não há sinónimos. Há ilusões. A vida de milhões passa indevida com a naturalidade de confirmar a natureza.

Nunca soube o que era a natureza. Desejei, quis, mas tentei? Um silêncio abstruso dói onde menos se espera, que se esperava do tempo, do tempo do mundo, do mundo? Tentar mudar poderá trazer a morte.

Viro-me para o outro lado. A consciência não se vira nem se abeira da fuga feroz aos sentidos. Nenhuma inteligência age. Deveres e direitos, direitos e deveres, é a lengalenga. A dispersa cegueira esparsa.

Há impotências que são colectivas. Imbecilidades que se embebem de ilusões, «Talvez eu escape, talvez eu escape.» Talvez. Acontece. A alguns. Mas, e os outros? Os outros, dizem, diz-se, os outros são outros.

28/11/2012

MALDOROR

Qualquer coisa de inconcebível ocorre.
A coincidência de uma leviandade
derivada do jogo entre o sol e as nuvens
e a música de Erik Friedlander
inscrita num inevitável *Maldoror*.

Cada segundo é um espasmo de luz
e de som, cada momento respira a aliança
que se alcança na mediação da matéria,
verbal ou porética. Passa-se no tempo
como se pensa um espaço medular.

Violinos contradizem violoncelos,
rúidos de objectos fragmentados ecoam
como se estivéssemos em presença
do presente. Nostalgias entrelaçam-se
com futuros na suspeição de um possível.

Agora mesmo o mesmo não é agora.
Que instrumentos devolvem à luz
o que lhe falta? Que sol introduz na massa
sonora a brevidade de um humor?
Nem alegria nem dor, mas a suspensão.

De quê? Há quem diga que há a beleza.
Há quem diga que a beleza nada mais é
que uma mistificação. Dizer o quer que seja
não conduz ninguém a este além imbuído
de um aquém sem passado nem história.

Dedos de sol e de som invadem a tarde
em perspectivas de expectativas,
que vai surgir agora? O que é não pode
responder a nenhuma pergunta. O que é
demora em si mesmo numa eclosão.

28/11/2012

O FACTO

Se se pudesse ficar, sonhador, no esplendor
do que sucede em sucessões de sons,
se se pudesse, ao menos, dizer
o que foi dito. Foi dito, mas não foi.
O quê? O esplendor de um sonhador.

Ouve-se o que se vê, apalpa-se na língua
o sabor de uma uva passa, passa sempre
por realidade o que se intui na mente
que, tantas vezes, nos mente em horas
desclassificadas frente a um sol.

O gozo, mesmo assim, de se sentir gozo
este sentimento de respeito pelo preito
prestado ao real, a vida hodierna
espevita-se de subterfúgios agónicos
para evitar a ustão da polémica.

E no entanto é um facto consumado
o que se ouve em destilações de sentido,
o corpo é um presente, a mente
perpassa como música obcecada
na dimensão flutuante de um regozijo.

O silêncio nunca será mais o mesmo.
Adquirido este desejo de esplendor
só o tempo, dificilmente, conseguirá
apagar o que entretanto está a acontecer.
Ser-se nada mais é do que uma melodia.

Violoncelos rejeitam a violência
do mundo, violinos arquejam de efeitos,
se houvesse ao menos uma língua,
se, ao menos, essa língua fosse humana!
Mas a humanidade é um caso perdido.

28/11/2012

VOZES

Vozes, é o que procuro.
Vozes de homens e de mulheres
capazes de transcenderem a mediocridade
da vida que o capital nos impôs.
Vozes capazes de provocar o silêncio.

Vozes daqueles que cantam quotidianos
com mais ou menos imaginação
independente de qualquer fantasia.
Encontro-as em poucos seres humanos.
Vozes que não seguem nenhum padrão.

Minha voz não alcança a alegria
de uma surpresa ou de uma revelação,
apocalíptica como poderá talvez ser
não ultrapassa o lugar comum de um som.
Minha voz nunca é, nunca foi ouvida.

E com razão. Falta-lhe, não a convicção,
mas a beleza extática de um momento
atingindo o arrepio de uma comunicação.
Visceral. Incompreensível. Sem como
nem porquê. Falta-lhe o inato do acaso.

Por isso procuro nas canções que ouço
alguém que transmita a emoção
como se não fosse um dado adquirido,
alguém introduzindo em mim
a obrigação de me sentir humano.

Ultimamente ando desmedidamente
perdido, porque achado, nas vozes
icásticas de dois cantores. Do barítono,
dizem, Bill Callahan, e do desapego
rouco do cantor dos Deer Tick.

29/11/2012

O ESCÂNDALO

Chuva durante parte da noite,
sol na frialdade obscena da manhã.
O planeta segue o seu caminho
atmosférico como se nada tivesse
acontecido. Nada aconteceu.

E acontecem todos os dias, todas
as noites, sobre esta terra, milhares
de factos oriundos da permanência
humana. Alguns imediatas notícias,
outros passando despercebidos.

Não há justiça no que há. Decide
quem da importância dos factos?
Que poder? Que interesses optam
por isto ou aquilo? Ctónica, a rede
fornecida pela tecnologia é muda.

Decénios de sofrimento tive-os eu
sabendo da fome e da morte violenta
que grassavam em áreas do mundo,
a África era um aguilhão aceso
na consciência ferida do dia a dia.

Hoje, neste país, porque se perde
o que se possuiu, e não era a morte
indevida nem a fome moribunda,
mas a dívida que não quis acreditar
na dúvida, o escândalo é notícia.

Haverá sempre, infelizmente, duas
medidas. Os outros serão sempre
uma distância, um outro mundo.
O que nos toca uma contingência
absurda. A realidade não é una.

29/11/2012

O QUE QUER QUE SEJA

O dia não ajuda. A música aleatória não ajuda. Chove. Uma escuridão própria do que deveria ser luz ilumina o quarto. Mas a luz, a verdadeira, pelo menos agora, é a que emana do monitor aquecendo o ambiente com a sua superfície.

Que significa tudo isto? Nada. Chove apenas e não se pode deduzir desse facto nem sequer uma tristeza terrestre, muito menos humana. Ou minha. Apetece-me quase dizer: Ah, se o significado fizesse algum sentido!

Sentido nesta imponderabilidade da matéria que é corpo, olho estupefacto através da janela, como se não compreendesse a chuva que cai, nem as folhas de árvores caducas caídas de árvores de folhas perenes.

O vento juncou o chão do negro asfalto de uma matéria vegetal que nos dá, talvez, o sentido de tudo isto ser, apesar de tudo, terra, mesmo num bairro suburbano. O nevoeiro encobre, sem malícia, a tumefacta serra.

Não, o dia não ajuda. Não me ajuda a fazer o que quer que seja. Há um sol que se perde no sol que se aspira a ser, mas não é uma loucura pensar-se assim? E a música? Desconhecida faz de mim um desconhecido.

Um desconhecido conhecido, pelo menos aparentemente. Quem sou não é um problema identitário. O que é, como esta chuva que cai, é uma possibilidade que a memória não desmente. Dizer o que quer que seja nunca é uma mentira.

6/12/2012

DE QUEM A CULPA?

Gavin Bryars afunda-se num «Titanic» contemporâneo. Contemporâneo de mim, pelo menos. Dele, que o escreveu (ou compôs) há anos, talvez não. Nunca saberei falar de música. Falo da música como falo de mim, como se isso fosse exequível.

Será possível? Como dizer a passagem?
Se passa e não fica, diria agora Montaigne.
Tanta erudição, ou apelos a outros, deixa-me um pouco desconfiado. Afunda-me, não na música, mas talvez no que se chama a realidade do irreal.

Desce nas águas profundas do oceano profundo o barco que não deveria afundar-se. Ouvi o último CD de Bob Dylan. Uma canção é dedicada à tragédia do que aconteceu há muito. Há muito? O que é o tempo? O que é a tragédia?

Algo, aparentemente, se afunda, e ignora-se o quê!
Penso, numa atrevida analogia, será o Ocidente?
Será uma civilização? Não pode ser. As civilizações passam, dão lugar e tempo a outras civilizações, não se afundam. Afastam-se no horizonte.

Nada disto é barco ou navio, mas poderei dizer que não navego? Tenho que dizer que só escrevo? Isto? Isto, agora e aqui? É bem possível.
Boiar à tona em águas frias não quer dizer que se vai sobreviver. Sobrevive-se pela sorte.

Alguns dos passageiros conseguiram sobreviver. Nada mais fazemos, os que vivem, hoje como ontem, que sobreviver. «Subviver» seria um verbo mais apropriado. E «sobviver» talvez ainda mais, que é o azar da maior parte das populações da terra.

6/12/2012

HÁ MUITO A FAZER

Uma serenidade conjectural, diriam os políticos, difunde-se no tudo de novo, sem se fundar em nada que não seja a realidade da vida. A realidade vivida. Tudo o mais são promessas em que não devemos acreditar. A vida dita.

Às vezes, ignoro porquê, a dita vida faz de conta que nada tem a ver connosco, como se a perda fosse o estado mais natural da nossa humanidade. Aí, a vontade, mesmo se inocente ou ingénua, tem de se assumir como uma necessidade.

Não há idades apocalípticas nem escatológicas. Há por vezes epifanias, êxtases imponderáveis, ínstases intransmissíveis, a ilusão de que haver comporta mais do que o consabido haver. Ser é um verbo que colide com existir.

Que fazer? Oh, há todo um mundo a pedir, a exigir, se não exagero, uma alegre mudança. Não é o virtual que nos fará mais felizes. Só a realidade é real. Só o real desmente, muitas vezes, a realidade. Há muito a fazer.

E no entanto gerações inteiras passam, absortas em ideologias, em publicidades demagógicas, sem nada fazer para mudar o estado de coisas. As pessoas confundem coisas com objectos. E os objectos alcançam assim uma supremacia.

Mas, e o sofrimento? E o desejo? O prazer circuitou o desejo, fez e faz esquecer a dor que gravita no planeta como um dado adquirido. Não me parece que adquirir objectos seja vivermos de coisas que poderíamos ser!

7/12/2012

A CERTEZA

Dezembro, para seguir uma fórmula que me é cara,
dezebrou no excesso de uma chuva que cai
como se fosse natural a sua queda em Dezembro.
É natural. Deve ser, mesmo assim, e apesar
das mudanças climatéricas, natural.

Mas é uma chatice! Quem vive do sol
começa a ficar perturbado com o cinzento
quase nefasto que obumbra o azul do céu intenso.
Uma quase nostalgia planta-se na consciência,
para quando a aparição do que sempre aparece?

Se tudo fosse tão certo nas nossas vidas!
Se tudo fosse círculos de círculos, idas e vindas
do mesmo, da diferença, que aqui são o mesmo.
Há contradições que não são paradoxais.
Há paradoxos que convivem com a disponibilidade.

O impossível necessita muitas vezes de ser
uma possibilidade no horizonte dos factos factuais,
a redundância não é um mal em si. Em si
tudo advém nada, em nada tudo exige um ser,
um haver, uma existência. Uma chuva de sol.

Arcos-íris sempre deslumbraram as sensibilidades
de toda a gente. Não só dos mais sensíveis.
Arco-irisar o mundo não seria uma má ideia.
Mas quem pensa assim? Sou só um homem.
Se fosse a humanidade a humanidade seria outra.

Sim, a falta do sol dilui-me numa tristeza
repleta de sinais que não compreendo.
Nunca compreendi o mundo, nunca compreendi
a humanidade. Falta-me uma certa inteligência
como me falta o sol. Só que o sol é certo.

7/12/2012

A PRENDA

Não direi mais, «uma liberdade total»,
frente a esta frente vazia e iluminada
do insofismável monitor. As regras
deixam de ser regras, as leis aparecem
e desaparecem com se houvesse história.

Que poderei pois dizer? Entre poder
e dever acende-se uma disponibilidade
nem sempre saudável. E a pergunta
insustentável e obsessiva, que fazer?
Uma rima não ilude a escravidão.

Uma rima, mesmo se ocasional
e inocente, não destrói o problema
que se insurge contra qualquer ideia
de realização ou de acabamento.
Uma liberdade nunca será total.

Poderá talvez irromper no local
onde se vive uma experiência feliz
ou infeliz, poderá, mas a certeza
não existe. Uma liberdade poderá
muito bem ser uma inexorável prisão.

Homens e mulheres que nascem,
vivem e morrem, e depois? Depois
nem mereceria ser uma palavra,
muito menos fazer parte ou constar
de uma intempestiva interrogação.

«Depois» mente sempre a possibilidade
de um futuro. Mas há futuros débeis,
frágeis, como se não pudessem sair
do presente. E um presente nem sempre
é a prenda amiga que se desejaria receber.

10/12/2012

DE PARTE

Sol na manhã desprovida de qualquer manha ontológica ou outra. Um desejo enorme de senti-lo como uma amizade duradoura. Doura no céu azul sem princípio nem fim, moldando o mundo na insegurança do planeta.

Crianças brincam no recreio da escola. Não as vejo, ouço-as. Vozes dizendo o quê? Não distingo o que dizem. Vociferam como lhes compete, facilitando encontros e desencontros, amizades e conflitos.

Ainda dizem, os parvos, que a vida vivida, e não idealizada, é um mistério. A prava realidade de todos os dias, nesta amostragem de mundo, não confere ao que acontece a misteriosa desenvoltura da experiência.

Só a maldade é feliz. Tudo o mais gravita entre a dor e o sofrimento. Por vezes pensa-se que algo se passa de bem, que uma bondade nos banha num período de tempo. O tempo, infelizmente, não se exterioriza em períodos.

Quando não há consciência, a consciência é apenas ideologia. Dos mestres, da ordem e da facúndia dos ditadores. Todos, crianças e adultos, gostariam de ser ditadores: ditar uma realidade onde pudessem ser a lei.

E os outros, os que se acotovelam todos os dias contra os corpos que desejamos não ser? Há objectos que temos de pôr de parte, ou subjugar-los. Julgá-los apenas objectos disponíveis na estranheza do ser!

10/12/2012